

Cumbuca

Aracaju - Ano I Nº 4 - Dezembro/13 R\$ 15,00



EDISE



Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico/Ilustração

Ananda Barreto
Clara Macedo
Edson Lima
Felipe Ferreira
Diego Souza
Dônavan Oliveira
Design Convidado: (Base Propaganda)
Ilustradores Convidados: Cal Nunes

Revisão

Rosilene Santos
Vanessa Góes

Assessoria Técnica

Jeferson Melo
José Alberto (Tidê)

Consultores nesta edição:

Ana Libório
Carlos Cauê
Hélio Maciel
Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Murilo Mellins • Luiz Antonio Barreto • Clara Angélica Porto • Josailto Lima • Álvaro Müller • José Augusto Batista dos Santos • Araripe Coutinho
Mário Britto • Ronaldson Sousa • Antonio Carlos Viana • Marcos Cardoso • Gilfrancisco • Jeová Santana • Tito Garcez • Victor Balde

Cumbuca

Ano I | Número 4

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador
Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo
Pedro Marcos Lopes



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente
Jorge Carvalho do Nascimento

Diretor Industrial
Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro
Carlos Alberto Leite Prado

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

Ao Leitor

Cumbuca 4 reaviva a memória afetiva dos sergipanos reconduzindo-a aos antigos festejos natalinos no Parque Teófilo Dantas, em precioso relato produzido pelo memorialista Murilo Mellins. Publica na capa a colagem digital da designer Ananda Barreto, criada em homenagem ao Carrossel de Tobias, principal atração daquelas “Feirinhas de Natal” e símbolo inesquecível de um tempo remoto, quando o nascimento de Jesus era comemorado em união fraterna de todas as classes sociais reunidas em volta da nossa Igreja Matriz.

Segue esta edição trazendo uma excelente reportagem assinada pela sergipana Clara Angélica Porto, residente em Nova York, sobre a presença da cultura brasileira naquela metrópole e, em contraponto, uma bem informada matéria, produzida pelo jornalista Marcos Cardoso, sobre a vocação bélica dos Estados Unidos, assinalando algumas das suas mais desastrosas agressões intervencionistas.

Aqui, também se encontra uma mostra da poesia praticada por três dos mais festejados poetas na literatura sergipana atual: Jozailto Lima, Araripe Coutinho e Jeová Santana, bem como, ainda no campo da literatura, uma homenagem à escritora Ofenísia Freire e um artigo assinado por Ronaldson Sousa sobre o mais prestigiado contista sergipano na atualidade, o escritor Antonio Carlos Viana. No campo da memória do jornalismo local, o pesquisador Gilfrancisco nos traz traços biográficos do combativo jornalista Paulo Costa e na seara das artes plásticas, Mario Brito nos brinda com informações sobre pintores locais incluídos na sua profícua coleção de obras de arte.

Ainda nesta edição, uma reportagem assinada por Álvaro Muller sobre os sucessos de Marta Batista, moradora de rua que se tornou professora universitária e um detalhado roteiro de visita ao Museu da Gente Sergipana, produzido por Tito Garcez. O estudioso Luiz Eduardo Oliveira assina o artigo “Entre a rebeldia e a Alienação” e o agitador cultural Victor Balde noticia a realização do Festival Zons, que agrupou as principais bandas alternativas em atividade na cena musical sergipana.

Cumbuca deseja aos seus leitores um 2014 pródigo em realizações artísticas e culturais.

Amaral Cavalcante
editor

50 - Poesias
Araripe Coutinho

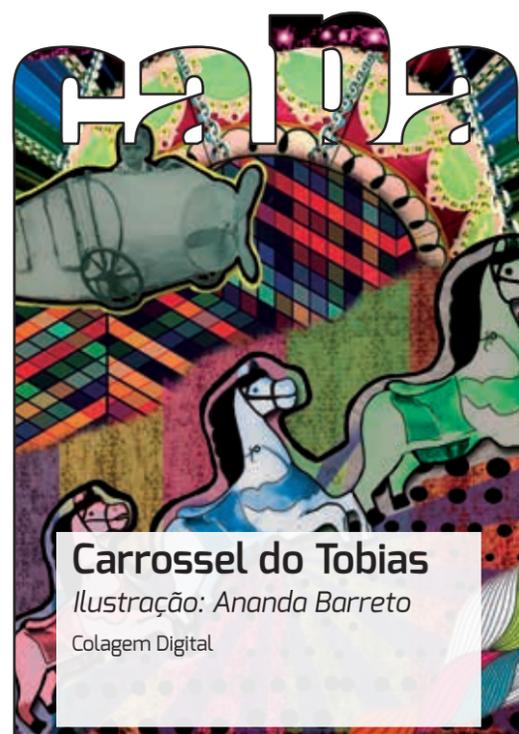
52 - Poesias
Jeová Santana

54 - O Jornalista Paulo Costa
Gilfrancisco

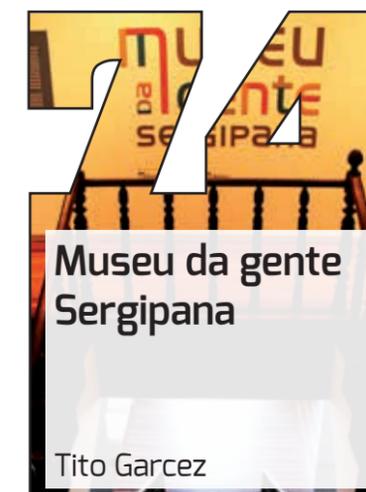
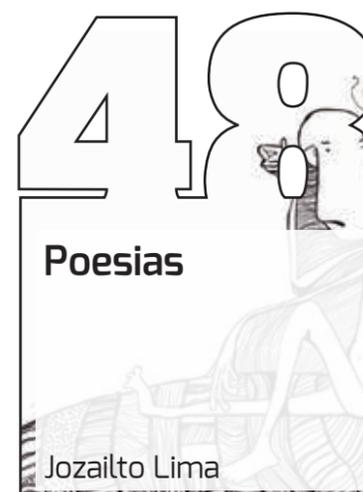
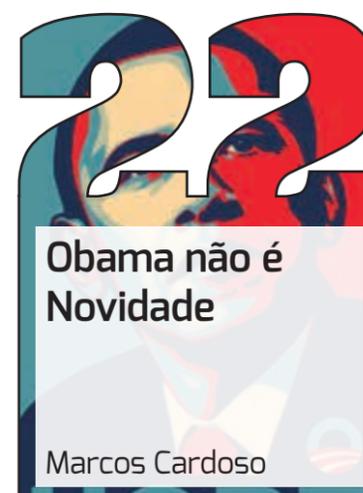
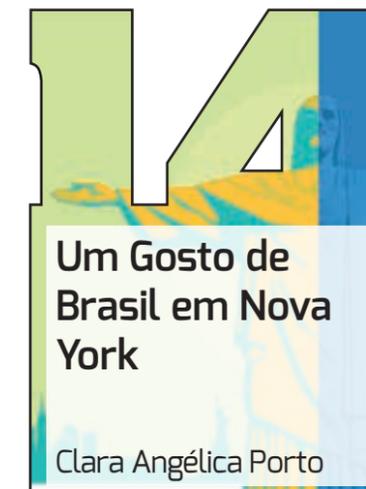
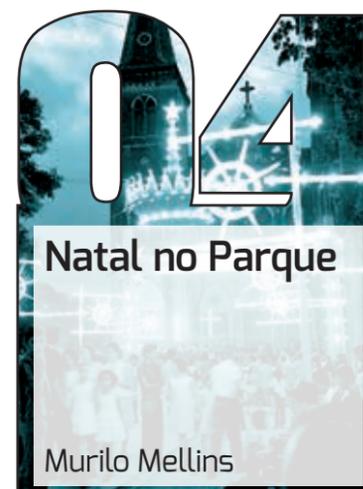
58 - A Finíssima Lâmina do Conto
Ronaldson Sousa

62 - Dia de Parir Cabrito
Antonio Carlos Viana

82 - Sublime Zons
Victor Balde

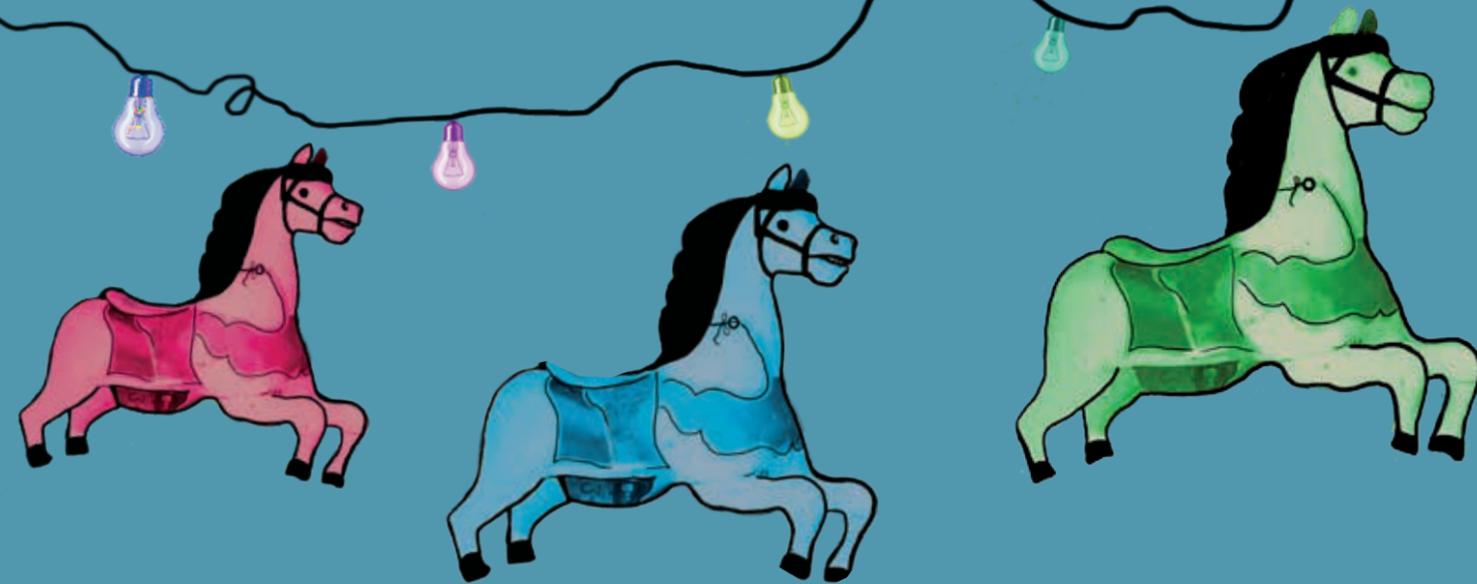


sumário





Catedral Metropolitana com decoração natalina
(Acervo de Murilo Mellins)



NATAL NO PARQUE

Murilo Mellins

O primeiro Natal em Aracaju foi comemorado no remoto ano de 1856. Daquela época em diante, as “Feirinhas de Natal” aconteceram, ininterruptamente, até o gradeamento do Parque Teófilo Dantas, na década de 80.

Quando falo das Festas Natalinas de Aracaju, abrem-se as portas de minha alma e por elas penetram as mais puras e doces reminiscências, despertando saudades infundas que jamais se apagarão de minha memória. Foram momentos felizes de carinho e enlevo que vivi nas adoráveis Feirinhas de Natal nos anos de então que prazerosamente, relembro nesta desprezível crônica.

As festas do Natal tinham seu início dia 08 de dezembro, na parte da tarde, quando as ruas do centro da cidade apresentavam grande movimento de pessoas que se dirigiam ao Parque para assistir a procissão de Nossa Senhora da Conceição, nossa Padroeira. As casas ao redor do Parque se encontravam com suas fachadas pintadas a capricho, para as comemorações das festas de fim de ano.

A Praça Olímpio Campos ficava repleta.

Quando o cortejo saía da Catedral, era acompanhado por milhares de fiéis e curiosos. Outras tantas pessoas preferiam ficar sentadas nos bancos ou nos bares, por comodismo ou se queixando dos calos que os sapatos novos criaram, aguardando a volta da procissão e a bênção campal.

O ambiente era luxuosamente decorado com motivos natalinos por arquitetos da Prefeitura e iluminado freneticamente pelos electricistas Botafogo e Rubens Teiú.

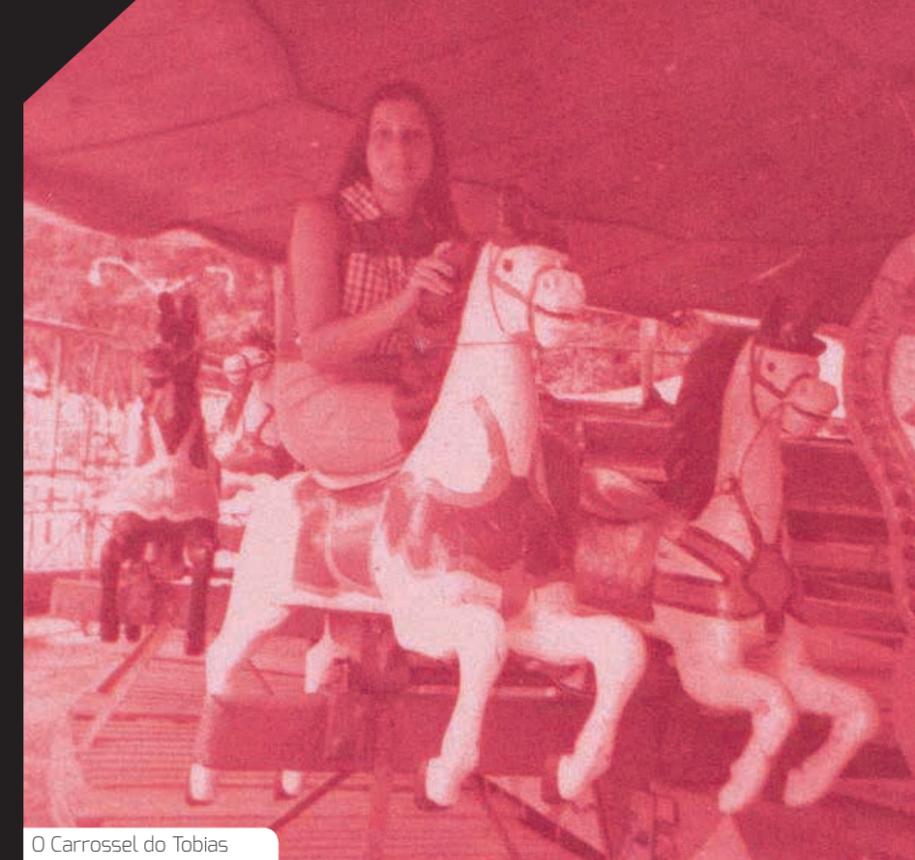
O Carrossel de “Tobias”, já repleto de crianças, aguardava o término do ato religioso, quando anunciava pelo seu apito fino e estridente o início das festividades religiosas e profanas, que se realizariam até o dia de Reis.

Em frente à Catedral, estavam armados os bares familiares: São José, N.S. da Conceição, Bar do Mágico, Bar do Careca, Bar Cotinguiba, Bar do Nery, Cabana do Pai Thomaz e outros.



“

O Carrossel de “Tobias”, já repleto de crianças, aguardava o término do ato religioso, quando anunciava pelo seu apito fino e estridente o início das festividades religiosas e profanas, que se realizariam até o dia de Reis.



O Carrossel do Tobias

Nas laterais e na parte posterior do templo, estavam localizados os tabuleiros com guloseimas, destacando-se o “Cachorro Quente de Seu João”, o “Churrasquinho de Ceda,” que, com seu vozeirão de tenor, anunciava: “É o churrasquinho Japonês!... As estrelas de Hollywood repetem em uma só voz: – Eu quero o churrasquinho do negro Cêda; os refrescos “Good Frizer” de Ginaldo e o famoso “Amorozilha” do popular Amorosa, servido com raspas de gelo.

Lá adiante, os brinquedos movidos à tração humana, como as “Ondas”, que rodavam bamboleando, trazendo a bordo um sanfoneiro, e os “Barquinhos”, impulsionados manualmente pelos usuários, no sobe e desce levantando a saia de moças menos atentas, dentre outros aparelhos, como as “Sombrinhas”, com seus

perigosos “balões” e os “Aviões” movidos à eletricidade.

Por ali, também se encontravam os Bazares, os jogos de azar, com as bancas de Pío, de Baralho, as mesas das Roletas de Agapito, Zica, Conrado, Ocean, Borboleta e Crispim, o Esplandim de Luiz Gringo, Bizarrias, Caipiras e o Bar rufo de Cristovão, que atraía os incautos com o chavão: “Aqui não tem dolo, não tem tapia nem tem manegutismo, quem ganha leva.”

Em um grande tablado, dançavam os Reisados de Oliveira e Piliu, o Catumbi de Pedro Nata, O Zabumba de Quendera e o Treme-terra de mestre Euclides.

As festas de fim de ano em Aracaju não perdiam o brilho costumeiro, nem esfriava em nosso povo o entusiasmo pelas roupas novas de Ano Bom. Estava viva a convicção de que, vestindo algo novo



Aspectos da Feirinha de Natal no Parque Teófilo Dantas
(Acervo de Murilo Mellins)



Na véspera de Natal, à meia-noite todas as atividades paravam, enquanto a multidão assistia contrita à Missa do Galo.

Após a celebração, os bares ficavam repletos, os brinquedos voltavam a funcionar e o Carrossel de Tobias, apitando, atraía centenas de meninos ávidos para montarem em seus cavalos e começarem a corrida das ilusões.

Quando o *footing* acabava, e ficava mais intenso o jogo nas roletas, começava a vida noturna, libertina e divertida, cheia de prazeres e emoções. Os bares populares, onde antes sentavam as famílias, agora estavam ocupados por boêmios e seresteiros, acompanhados por felizes “mariposas”.

Na parte final do Parque estava a “Rua do Egito”, onde filhos perdulários da madrugada, aboletados nos bares de Madalena, de Branca, de Doninha Píula, Odete Brasil, bebiam a Cerveja, o Frisante, os Conhaques e comiam o Caruru apimentado, a Galinha com arroz, a Moqueca de Arraia. Nos botecos: Tarzan do Egito, Céu Azul, Galo de Ôro, Buteco do Afonso, saboreavam a Pilombeta, Passarinha, o Bofê regados às cachaças: Mocotolina, Azuladinha, Ipê, Galo Negro, Juízo, Taquari, Chica Boa e Chora na Rampa.

Os frequentadores desses bares eram os mesmos que, horas antes, tinham estado nos bares familiares, fizeram o *footing*, passaram pelas reluzentes roletas e carteados; agora, ali estavam com os outros boêmios, deleitando-se com as vozes de Madureira, Brito, Moraes, Peroca, João Ribeiro e João Mello, acompanhados pelos violões de Carnera, João de Dó, Macepa, Piquitinho e Patrocínio.

O Egito regurgitava de gente até altas horas da madrugada. Depois dos bailes dos clubes, apareciam por lá alguns bacanas de smoking, cheirado a *Bond Street*, arrotando o champagne francês, para saciarem-se no Egito, a rua da boemia.

Ao redor da estátua do Padre Olímpio Campos, os bancos estavam vazios. Só o “Egito” estava vivendo intensamente, cheio de “mulheres da vida”, muita bebida e homens pensando nos números reluzentes das roletas.

Era assim que, nos bons tempos, os aracajuanos festejavam o Natal, Ano Novo e Reis no Parque Teófilo Dantas, para onde iam milhares de pessoas, durante os Festejos natalinos, para um encontro fraterno em um ambiente acolhedor, que, hoje, se chama saudade. ■

no dia primeiro de janeiro, vestindo-lo o ano inteiro.

Em certa parte do Parque, lado de fora do passeio público, estavam localizados os tradicionais bancos, ostentando o nome do proprietário, onde a aristocracia sentava para assistir ao desfile de modas e fiscalizar filhas, sobrinhas e netas que, ricamente vestidas num ambiente de luxúria, movimentavam-se naquele desfile espontâneo, indo e vindo no “Quem me Quer”, em diminuto percurso compreendido entre a escadaria da Cate-

edral, passando pela Estátua do Padre Olímpio, até os limites da Praça Almirante Barroso.

Moças e moçoilas, perfumadas com Chanel, Magriffé, Five O'clock, Marajoara, Tabu, Madeira do Oriente, Je revien, procuravam chamar a atenção com o seu charme.

Os rapazes, penteados com o Glostora e Gumex, entoados no linho diagonal S-120 ou tropical inglês e perfumados com Promesa, olhavam, insistentemente, para aquelas lindas pretendentes, e elas, de soslaio

e de quando em vez, trocavam olhares com os rapazolas, alguns ainda imberbes, alimentando, talvez, sonhos nascidos nos bancos escolares, no afã de um dia realizarem seus desejos, para uma aventura amorosa.

As bandas de música, em parceria com os alto-falantes da Empresa Guarany, tocando Moonlight Serenade, La Barca Beguin the Beguine, Perfume de Gardênia, Renuncia Indian Summer, Algum dia te Direi, Sonhar Contigo, enchem o ambiente de plena satisfação e romantismo.



OFENÍSIA SOARES FREIRE

A Mestre de todos nós

Luiz Antonio Barreto (★ 1944 † 2012)



Há um sentimento incontido de admiração, de homens e mulheres, diante da professora Ofenísia Freire. Não precisa ter sido seu aluno, no Ateneu, no Colégio Tobias Barreto, nem seu colega do Conselho Estadual de Educação, da Secretaria Municipal de Cultura, ou da Academia Sergipana de Letras, nem mesmo ser ouvinte de suas conferências e discursos. Basta conhecer um pouco da sua biografia, desde que nasceu, em Estância, há 90 anos, seu tempo de estudante, no Colégio de Santana, da professora Quintina Diniz, em Aracaju, sua militância política, para reconhecer o compromisso que tem pautado a sua vida e que é talvez seu maior

exemplo às novas gerações de sergipanos.

Ensinar é um exercício constante de cidadania, onde o professor, curador do conhecimento universal, na sala de aula faz a síntese da cultura, ao receber e orientar seus alunos, no processo ensino-aprendizagem. É aí, nesse contato inicial e repetido em anos seguidos, que o professor e a escola tanto pode alienar, quanto desalienar o aluno, fazendo do conhecimento a argamassa da construção do saber crítico, capaz de entender a realidade e de guiar as pessoas pela vida.

Ofenísia Soares Freire tem uma biografia repleta de êxitos, como professora, como militante política, como intelectual.



A Professora

Desde que chegou em Aracaju, nos anos 30 do século XX, que Ofenísia Soares Freire escolheu, vocacionada, sua profissão. O magistério atraía a jovem estanciana, através de disciplinas como Língua e Literatura Portuguesa, Teoria Literária, Língua e Literatura Brasileira. Foram décadas de ensino em colégios públicos e da rede particular, destacando-se o Atheneu, entre os primeiros, e o Tobias Barreto, entre os privados. Não havia, contudo, diferença alguma na qualidade do trabalho diário da professora. Mais do que os pontos de cada curso, Ofenísia Freire deixava com cada aluno a consciência diante da língua e da literatura.

Dominando a literatura luso-brasileira, Ofenísia Freire tinha o livro didático como mera referência de apoio, porque o verdadeiro conteúdo estava em sua palavra, nos textos que escolhia para trabalhar, nas reflexões que fazia, nos ensinamentos que, ao final, concluía as suas aulas.

Sempre lembrada de Estância, berço da civilização sergipana, onde circulou o primeiro jornal da Província – o Recopilador Sergipano – com homens e mulheres de rara sensibilidade musical, tendo o piano como objeto comum em suas casas, e cenário onde Jorge Amado, filho de sergipano, voltava sempre para asilar-se nas lutas que marcaram o Brasil da sua mocidade. Ofenísia Freire lembra dos tempos de mocinha, vendo Jorge Amado na Papelaria Modelo, de João Nascimento, lendo ou escrevendo, convivendo enfim com a paisagem e com o povo da Estância.

Seu irmão, o médico Pedro Soares, por muito tempo editou um jornal, mantendo a tradição dos velhos jornalistas – Gumercindo Bessa, J. Nogueira, e outros – de *A Razão*, folha polêmica, corajosa, desassombrada, registrando os fatos e expressando suas opiniões políticas e ideológicas. Ofenísia Freire teve outros irmãos – João, Dalva, Osvaldo, Nivaldo – a quem ela dedica, com afeto, o livro *A Presença feminina em Os Lusíadas*. Outras saudades, como a Lira Carlos Gomes, os sobrados da rua Capitão Salomão, as águas do rio Piauítinga, o cinema da



Foto: Acervo Instituto Tobias Barreto

fábrica, ficaram para sempre guardadas na retina da jovem professora.

Ofenísia Soares Freire, casada com Filemon Franco Freire, funcionário público, Diretor do Tesouro do Estado no Governo de Seixas Dória, irmão do professor Franco Freire, alternou as atividades do magistério com a agitação política. Filiada ao Partido Comunista Brasileiro, engajada no processo de redemocratização do País, emprestou, na eleição de 1947, seu nome à chapa de deputado estadual, da qual saiu eleito o médico Armando Domingues, e à chapa de deputado federal (à época o eleitor podia ser candidato a mais de um mandato). Com o PCB tendo o seu registro anulado e seus militantes indo para a clandestinidade, Ofenísia Soares Freire voltou-se integralmente para a cátedra, até aposentar-se como professora do Atheneu, então Colégio Estadual de Sergipe.

Com o movimento militar de 1964, quando integrava o Conselho Estadual de Educação, sofreu o constrangimento de ter seu mandato extinto e foi afastada do magistério do Atheneu,



Ofenísia Freire assina o livro de presença da ASL durante a posse de Luiz Antonio Barreto. Na foto, Luiz Eduardo Costa, o governador José Leite, Luiz Fernando Soutello, Maria Thetis Nunes e Ivone Mendonça. Foto: Acervo do Instituto Tobias Barreto.

durante algum tempo. Enfrentou a adversidade com coragem e determinação, continuando a ensinar no Colégio Tobias Barreto, então dirigido pelo professor Alcebíades Melo Vilas Boas, encontrando, nas salas de aula, dezenas de jovens que foram presos e processados durante aquele período de prisões e de patrulhamentos e suspeições.

Aposentada, viúva, Ofenísia Soares Freire passou a dedicar-se às atividades intelectuais, aceitando convites para fazer conferências, discursos, participando de debates e integrando instituições culturais, como a Academia Sergipana de Letras, para a qual foi eleita em 1980, na vaga do poeta Abelardo Romero, tomando posse naquele mesmo ano (25 de novembro). Também em 1980, publicou seu livro *A Presença*

feminina em *Os Lusíadas*, reeditado em 2000. Foi do Conselho Estadual de Cultura, Secretária Municipal de Cultura, na gestão do prefeito José Carlos Teixeira (1985), e Vice Presidente da Academia Sergipana de Letras, posição que ainda conserva na Diretoria atual da ASL.

Há uma unanimidade crítica tanto sobre a biografia da professora, considerada “A Mestra de Todos Nós”, como sobre o seu livro *A Presença feminina em Os Lusíadas*, que apesar de ter sido publicado na maturidade, após a longa carreira no magistério sergipano, é uma demonstração da sua erudição e do seu talento interpretativo, ampliando, com qualidade, as coleções camonianas em língua portuguesa. No seu livro, o professora se mostra por inteiro, dominando a cáte-

dra, demonstrando o lastro de conhecimentos com o qual enfrentou, anos seguidos, turmas inteiras de jovens.

Com seu livro, Ofenísia Freire transpõe, de forma inequívoca, os limites do magistério, que estão sempre sujeito a currículos e parâmetros, passando a gozar do reconhecimento como escritora, ensaísta, interpretando um texto do século XVI e tirando dele novas lições, especialmente ligadas a mulher. Mais do que compor e enriquecer a bibliografia de autores sergipanos, o livro de Ofenísia Soares Freire contribui para alargar a crítica em torno da grande obra do vate português. Ao lado de Cleonice Benardineli, Tiers Martins Moreira, Antônio Geraldo da Cunha, o nome de Ofenísia Soares Freire circula na bibliografia camoniana brasileira. ■



UM GOSTO DE Brasil em Nova York

Texto: Clara Angélica Porto | Jornalista sergipana residente em Nova York

Fotos: Jason Gardner | Antropólogo visual

“

A presença da arte brasileira em Nova York não se reduz à bossa nova que revolucionou o cenário musical da cidade desde os idos 60.

Dizer que Nova York é uma cidade multicultural, uma colcha de retalhos, isso e aquilo, tornou-se mais que lugar comum, ficou redundante. E que o Brasil trouxe sua cara para a cidade, com rede, atabaques, congas, bongôs, cuícas, sanfonas e violas e o que mais houver, marcando território e fazendo-se ouvir, todo mundo sabe. Uma certa feita, há alguns anos atrás, quando Chico Buarque de Holanda esteve em Nova York para lançar o livro *Budapeste*, passou uma tarde na Biblioteca Pública de Nova York, ao lado de pessoas do nível do indiano britânico Salman Rushdie, o dos versos satânicos, que o apresentou. Ao começar a falar para uma plateia cheia de encantados brasileiros e americanos de ar culto quase aculturado, Chico falou do prazer e emoção que foi chegar a Nova York. ‘Logo no aeroporto’, disse, ‘a cidade me recebia com a voz da minha sobrinha Bebel Gilberto, o que me deu um orgulho enorme. Senti-me em casa’. E é sempre assim. Não é raro entrar numa loja, num hotel, e ouvir música brasileira. É como se bossa nova, jazz brasileiro e afins tivessem se transformado em música de fundo da cidade. O que, por um lado, é uma honra, por outro, é inquietante, pois quem quer ser música de fundo de ninguém? Quem quer ser reduzido ao que se chama de ‘lounge music’, ou ‘a música que não incomoda, que pode ficar tocando e não impede conversas, porque ninguém está mesmo prestando muita (ou nenhuma) atenção?’ E foi assim, a partir desse sentimento de ‘eu não nasci para pano de fundo’, que comecei a não sentir mais tanto prazer em ouvir música brasileira ao entrar em lojas de alto consumo, como Macy’s e K-Mart. Claro que existem momentos de bate coração, como por exemplo, entrar numa boutique como o Club Monaco e escutar Marisa Monte, ou Seu Jorge, ou Asa Branca transformada no mais depurado jazz.

A presença da arte brasileira em Nova York não se reduz à bossa nova que revolucionou o cenário musical da cidade desde os idos 60. A bossa nova, a princípio até rejeitada por brasileiros puristas, pela influência do jazz, sentimento registrado na bossinha de Carlos Lyra (“O jazz é diferente, pra frente pra trás / E o samba meio morto ficou meio torto / Influência do jazz”), recebeu e, imediatamente, deu de volta, não só passando a influenciar o jazz, como levando o interesse de grandes músicos americanos para a riqueza musical do Brasil. E, de lá pra cá, muitas águas rolaram embaixo de muitas pontes, da Brooklyn Bridge e de todas as lindas pontes que ligam Manhattan aos arredores. E os brasileiros foram chegando a Nova York, atraídos, a princípio, pela harmonia criada com a música e a magia da cidade, e depois, aos magotes, pela possibilidade de fazer dinheiro com trabalho operário. E quando um povo chega assim para outro país, para uma cidade como Nova York, vem trazendo suas bagagens. Deixam os papagaios nos quintais de suas cidades, mas trazem a música, a comida, os costumes. E assim é que a influência brasileira começou a saltitar aqui e ali, pelas ruas e bairros de Nova York, diversificada e, muitas vezes, surpreendente.

Um brasileiro chamado João de Matos abriu uma agência de viagens, tornou-se o maior vendedor de passagens para o Brasil nos Estados Unidos, abriu um jornal, churrascarias rodízio de luxo, e criou, na rua 46, também chamada de Little Brazil (iniciativa dele junto à Prefeitura), em 1984, um festival para celebrar a passagem da independência do Brasil, em setembro, o ‘Brazilian Day in New York’. De lá para cá, inspiradas na fórmula de Nova York, celebrações de brasileiros expatriados espalharam-se por todo o país, subindo até o Canadá. Em 2001, a Rede Globo tornou-se parceira de João de Matos e o evento continua até hoje.

E o que mais se tem de coisa brasileira em Nova York? Surpresas surgem de cair o queixo, como, por exemplo, ir ao Museu do Bronx para uma exposição com instalação sobre a Tropicália, contando toda a história, toda a influência, o antes e depois da Tropicália em setores vários da arte brasileira, e observar americanos de todas as cores e classes fascinados, entre eles um David Byrne, que chegou ao museu de bicicleta, sob o olhar atônito das pessoas, em maio de 2007. O evento, ainda hoje, repercute e alimenta pesquisas.

Outro museu, o MoMA, produz há onze anos o Premiere Brazil todo mês de junho, um festival de cinema que vem mostrando o bom cinema que se faz no Brasil e que, muitas vezes, nem brasileiro conhece bem. Como parte da semana, shows musicais acontecem no lindo jardim do MoMA, onde as pessoas se deparam com prazeres inusitados, como Adriana Calcanhoto cantando solo e acompanhando-se com um violoncelo. Chic ao nível da escultura de Picasso que, silente, a ouvia.

“

O MoMA produz há onze anos o Premiere Brazil todo mês de junho, um festival de cinema que vem mostrando o bom cinema que se faz no Brasil e que, muitas vezes, nem brasileiro conhece bem.



Nation Beat

O BAQUE DE BROOKLIN É MARACATU

Existe em Nova York uma profunda admiração pela coisa brasileira e existem casos quando essa admiração passou a ser uma razão de viver. É o caso do músico Scott Kettner, um baterista e percussionista que se mudou para Recife em 2000 em busca da riqueza rítmica da região. Com alguns nomes e telefones e uma mala cheia de sonhos, Kettner descobriu o Maracatu, apaixonou-se, conheceu Jorge Martins, o mestre, e transformou-se em um dos mais leais seguidores de Maracatu. Kettner, originalmente da Flórida, percebeu semelhanças de colonização entre os ritmos afro-brasileiros e os afro-americanos, principalmente a música da região de Nova Orleans, que se encaixa com a música brasileira nordestina como a força do sangue. E foi assim que ele criou NationBeat, uma banda que funde as batidas de maracatu com os ritmos de Nova Orleans, funk e country blues. Além da banda, Scott Kettner começou a fazer oficinas de Maracatu e a resposta foi suficiente para abrir uma escola, que começou com 25 alunos curiosos em aprender os ritmos e danças do Maracatu.

Os maiores nomes do Maracatu pernambucano, inclusive do Estrela Brilhante, a nação maracatu fundada em 1906 à qual Kettner pertence, já vieram liderar oficinas. Hoje, Scott também lidera o grupo Maracatu New York, em Brooklyn, que, anualmente, faz um desfile de Maracatu na época de Halloween, seguindo a mesma linha de origem do Congo, com os grupos desfilando em estilo de procissão; Maracatu New York já fez várias apresentações no Lincoln Center e pelo país e é composto na maioria, por americanos. O disco do grupo, 'Baque do Brooklyn', traz a magia da batida do maracatu e induz à dança e à sensualidade. O livro *Maracatu for Drumset and Percussion, A Guide to the Traditional Brazilian Rhythms of Maracatu de Baque Virado* (Maracatu para Bateria e Percussão – Guia para os Rítmicos Tradicionais do Maracatu de Baque Virado), de autoria de Kettner e lançado este ano, rapidamente está se tornando obrigatório para estudiosos de ritmo. Recentemente, em um evento organizado pelo Lincoln Center, onde Kettner lançou o livro, ele mostrou os paralelos dos processos de colonização e a semelhança musical e rítmica, exemplificando com trechos musicais de nomes como Chico Science e Led Zeppelin. A riqueza da batida do Maracatu tem fascinado estudiosos de ritmos do mundo inteiro e não é à toa que Nova York, hoje, tornou-se um importante palco de Maracatu, com Scott Kettner como principal embaixador.



A riqueza da batida do Maracatu tem fascinado estudiosos de ritmos do mundo inteiro e não é à toa que Nova York, hoje, tornou-se um importante palco de Maracatu, com Scott Kettner como principal embaixador.

Scott Kettner à esquerda, na foto. Abaixo, a capa do Livro *Maracatu for Drumset and Percussion: A Guide to the Traditional Brazilian Rhythms of Maracatu de Baque Virado*.

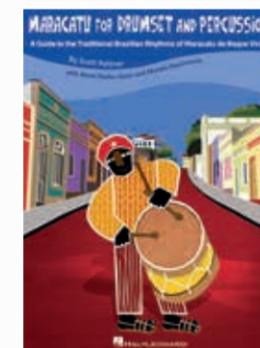
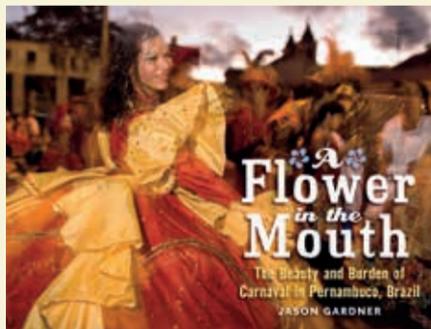




Foto: Tony Gale

Jason Gardner

Jason Gardner já foi publicado pelo New York Times, Rolling Stone, Photo District News, New York Magazine, NPR.org, SPIN Magazine.



O Livro de Jason Gardner
A Flower in the Mouth –
The Beauty and Burden of Carnival in
Pernambuco, Brazil

A História em Imagens

Maracatu é mais que ritmo e música. É mais que indumentárias. Maracatu é mais que um cortejo tradicional de carnaval, do que personagens; Maracatu é também visão de vida, objetivo, limites e poder, é um mundo paralelo, é um grito, é um Tu Maraca Tu Maraca que reverbera e inspira quando o grito ecoa da voz potente do percussionista brasileiro de Nova York, Nanny Assis, pernambucano nascido e criado com a batida do Maracatu.

O fotógrafo Jason Gardner, de Brooklyn, depois de muitas viagens pelo mundo, em calma inquieta de procura, descobriu o carnaval de Pernambuco e o Maracatu. Com lentes ansiosas, ele começou a fotografar as cenas de rua, foi entrando nas casas, nos grupos, e, de tanto voltar, virou cara conhecida, ficou amigo. Fotografou cortejos, artesãos trabalhando, fez oficinas de fotografia sem câmara, com câmara, trouxe os trabalhos dos alunos e vendeu, mandou o dinheiro de volta, e com a intimidade conquistada pelas amizades que ia fazendo com o passar dos anos, levou suas lentes para fotografar os rituais fechados, onde cerimônias afro-brasileiras lhe abriram as portas para as misturas de sangue de galinha com imagens da Virgem Maria. Tudo parte da vida e do mistério das nações Maracatu. Foi também em Pernambuco que Gardner descobriu frevo e forró. Dez anos e algumas 60 mil fotos depois, Jason Gardner publicou o livro bilingue *A Flower in the Mouth – The Beauty and Burden of Carnival in Pernambuco, Brazil* (Uma Flor na Boca – A Beleza e o Fardo do Carnaval de Pernambuco, Brasil), lançado este ano pelo Lincoln Center, um livro primoroso de antropologia visual sobre a riqueza folclórica do carnaval pernambucano.



Caboclo de Lança



Baile Municipal



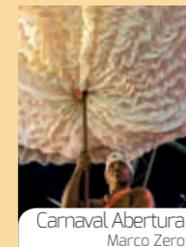
As cores do carnaval do Recife Antigo



Beleza no carnaval brasileiro



Candomblé



Carnaval Abertura Marco Zero



Cavalo Marinho Camutanga



A Beleza do Frevo no Galo da Magrugada



Pifanos



Trilhas Reis





Pianos Brasileiros em Nova York

Alguns grandes pianistas brasileiros chegaram há anos atrás, no auge da fama da bossa nova e da sede da cidade de músicos nativos brasileiros, mestres da batida sincopada tão buscada e tão difícil de reproduzir pelos músicos americanos.

Foi nessa leva que chegou Dom Salvador, grande pianista e acordeonista, que há anos deleita frequentadores do Brooklyn River Café e o New York City's Water Club, lugares de luxo da cidade. Músicos de todo o mundo fazem parada para ouvir o Dom, e no dia 2 de novembro, a Universidade de Columbia apresentou o documentário "Dom Salvador, Endless Soul" (Dom Salvador, Alma Interminável), sobre esse músico fantástico. O sexteto de samba jazz de Dom Salvador é considerado um dos grandes programas de jazz de Nova York, procurado pelos grandes que passam por Nova York, como Toots Thielemans.

Cidinho Teixeira tocou no Brasil com todo mundo bom e é admirado por Gil, Milton, Djavan, Gal Costa, Leny Andrade e muitos outros brasileiros. Na década de 70, Cidinho era o músico do Chico's Bar, em pleno auge da bossa nova. Não resistiu aos apelos e veio para a aventura musical da Grande Maça. Aqui, Cidinho é sinônimo de 'Brazilian Groove', a música que mistura influências diversas, do samba ao forró, a música de raiz que move as pessoas. O ritmo de Cidinho Teixeira é talvez o ponto mais alto da música que, através dos anos, vem inspirando e formando pessoas. Gaúcho de Rio Grande, aos 71 anos, Cidinho hoje ainda pode ser visto no Via Brazil, um restaurante brasileiro da Rua 46, toda sexta e sábado. Deliciar-se com uma boa moqueca brasileira regada a vinho tinto, escutando o piano do brasileiro Cidinho Teixeira é mais que um grande prazer, é honra. Sem contar com as canjas de outros grandes músicos que ali fazem parada para prestigiar o amigo. O livro de Cidinho *Brazilian Rhythms on the Keyboard* (Ritmos Brasileiros no Teclado), publicado pela editora alemã Advance Music com um CD de encarte, vai da bossa nova ao chorinho, passa por maracatu e forró, afoxé, baião, xote, xaxado, e tornou-se uma espécie de bíblia de música brasileira entre jazzistas – todos usam o livro de Cidinho Teixeira como referência, para estudo da complexidade e riqueza dos ritmos brasileiros.



Dom Salvador



Cidinho Teixeira



Eliano Braz

Nova York vem cultivando um xodó com forró já há algum tempo. Um bar chamado Nublue, no East Village, conhecido por características 'underground', tem na música brasileira um de seus maiores atrativos, inclusive muito forró. Por lá, você sempre encontra figuras como Bebel Gilberto e, às vezes, até Paula Lavigne, nas suas passagens pela cidade. E o forró come bonito. O Café Wha, na MacDougal, em Greenwich Village, enche a casa com boa música e muita alegria brasileira há anos, toda segunda-feira.

Hoje, forró em si já é atração, o que o músico Eliano Braz prova com o seu 'Domingo tem Forró', no Salon Milesime do Carlton Hotel na Madison Ave. Eliano toca violão e viola, tem formação musical erudita, e já tocou com músicos como Rita Lee, Hermeto, Sivuca, Lulu Santos, Artur Moreira Lima e uma fileira de outros representantes nobres da música brasileira. Em Nova York, já se apresentou no Carnegie Hall, Lincoln Center, já tocou com Rihanna, Marc Anthony e Diana Ross. Hoje, quem tem ziguizira de forró sabe que todo domingo tem, com Eliano Braz.

O Nordestino Erudito de Nova York



Raimundo Penaforte veio de Recife para estudar música (Hardin-Simmons University, New York University e Julliard, uma das maiores escolas de música do mundo). Inspirado por jazz e música latina em geral, mas principalmente pela música tradicional e folclórica do Brasil, ele hoje tem nome internacional como compositor e violinista. Vive em Nova York e, além do trabalho como compositor e instrumentista, ensina na Escola Internacional das Nações Unidas e na Escola Internacional do Brooklyn. Uma das obras que marcaram o nome Penaforte, foi o arranjo que fez de 'West Side Story', de Leonard Bernstein. A violinista Chee-Yun, que havia pedido a Penaforte para escrever os arranjos, incluiu-os no novo CD e o sucesso foi tal, que terminou tocando na Casa Branca para Bill e Hilary Clinton, com a presença do famoso violinista Isaac Stern. Estava selado o lugar, entre os grandes, do erudito nordestino Raimundo Penaforte, um caboclo de longos cabelos negros, que compõe como os grandes que fazem história. Hoje, já se compra a *Suite From West Side Story*, de Bernstein, com arranjo de Raimundo Penaforte, para violino e piano. 'Concertice', para quinteto de metais e orquestra, foi aplaudida de pé na Califórnia, nos últimos dias 4 e 5 de outubro, mas é a fantasia para orquestra 'Domingando em Itambé' quem leva a mais forte influência nordestina de Raimundo Penaforte e atrai para ele comentários que o identificam com Villa-Lobos. Atualmente, o músico está escrevendo um concerto para clarinete e orquestra, encomendado pelo clarinetista holandês André Kerver, para ser estreado na Holanda em 2014 e no Brasil, pela Orquestra Sinfônica Brasileira.

Outros grandes nomes brasileiros circulam em Nova York, como o bailarino Marcelo Gomes, considerado hoje um dos maiores do mundo, Eumir Deodato, que já fez arranjos para mais de 500 discos, inclusive de Björk, Gang e Kool. Hoje, um dos pontos de encontro da comunidade brasileira da cidade é o 'Brazilian Endowment for the Arts', uma organização fundada e presidida pelo professor e escritor Domício Coutinho, que começou com uma biblioteca e hoje dirige um centro que congrega brasileiros e interessados nas coisas do Brasil para exibição de filmes, vídeos, noites de palestras, poesia e exposições, promovendo a cultura brasileira. Foi fundado em início de 2000 com o nome de Associação Brasileira de Escritores de Nova York, e hoje tem mais de 4 mil títulos doados.

Existe mesmo um gosto de Nova York, pela coisa do Brasil: da música, da comida, do jeito de ser. Em Nova York, há até grupo de americanos chamado "Vamos Falar Português," que se reúne para fazer exatamente isso, falar português do Brasil. Hoje, o brasileiro ocupa uma boa parte do bairro de Astória, em Queens, onde tem supermercados brasileiros, restaurantes de comida a quilo e churrascarias; da cidade de Newark (em Nova Jersey, mas a poucos minutos de Nova York), uma cidade de forte presença portuguesa, o que atraiu milhares de brasileiros. Este não é o brasileiro que está fazendo arte em Nova York, mas o brasileiro comum, do dia-a-dia, que trabalha muito ganhando a sobrevivência, limpando, servindo, cozinhando, pedros-pedreiros, fazendo a arte de viver. O brasileiro que divide o lugar onde mora com amigos na mesma situação, e o que ganha, com a família pobre no Brasil. O brasileiro que veio em busca de uma vida melhor, e que sonha em voltar para o Brasil, para uma vida melhor. ☐



Obama não é novidade

Marcos Cardoso

Quando Barack Obama chegou ao poder, em janeiro de 2009, um presidente negro, filho de queniano, de origem pobre, acreditou-se que ele teria o condão de mudar a política imperialista dos Estados Unidos para a América Latina. Por uma questão de caçoete histórico, ele não mudou e continua fazendo o que os ianques sempre fizeram.

Suspender o criminoso embargo econômico a Cuba, já há quase 52 anos e que contribuiu com a quase falência da ilha não alinhada, já seria um gesto de grandeza para com os vizinhos de baixo. Mas, uma vez instalado na Casa Branca, o garotão nascido no Havaí caiu na real e sua aguardada boa vontade não se restringiu sequer à decretação da extinção da prisão arbitrária de Guantánamo, anunciada no primeiro dia de governo.

Uma vez, o ex-presidente Lula ousou lucidamente pedir uma mudança de relacionamento com o continente americano e lembrou: "Os Estados Unidos, durante muito tempo, tiveram uma política equivocada para

a América Latina". Com a devida correção de que não foi somente "durante muito tempo", mas por toda a vida, o que Lula afirmara não é mera retórica, é história. Sempre que intervieram na América Latina, os Estados Unidos o fizeram em proveito próprio, inclusive quando interferiram na instalação de regimes autoritários no continente.

Lembra-se disso tudo agora não somente por conta da espionagem norte-americana contra a presidente Dilma Rousseff e a Petrobras. A revelação provocou um incidente diplomático pelo qual Obama sequer se desculpou. O histórico dessa relação desigual (inspirado em artigo publicado no site "América Latina em Movimento", de 19 de setembro de 2008) não deixa margem à dúvida quanto às intenções norte-americanas.

A famosa Doutrina Monroe, divulgada em 1823, quando os países da América Latina principiavam seus movimentos de libertação, já deixava claro que o país do norte considerava toda essa região debaixo de sua esfera de influência.



1836 - Os Estados Unidos empreendem guerra contra o México com o objetivo, alcançado, de anexar o estado do Texas.

1898 - A guerra com a Espanha garante aos EUA o ganho do controle sobre as antigas colônias espanholas no Caribe – incluindo Cuba e Porto Rico – e no Pacífico.

1903 - Os americanos do norte criam um foco separatista na região que hoje é o Panamá, justamente o lugar onde estava sendo construído um canal entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Com a ajuda de cima, o Panamá declarou independência da Colômbia. Os EUA terminariam as obras e ficariam com o direito de usufruir do canal por um século inteiro.

1911 - Os Estados Unidos providenciaram nova guerra com o México, alegando que, em Vera Cruz, haviam aprisionado alguns soldados e se recusavam a pedir desculpas. Por conta disso, atacaram a cidade, bombardearam e mataram mais de 100 mexicanos. Foi um pretexto para tirar de cena a luta trabalhista e a “ameaça” do socialismo.

1915 - Os Estados Unidos invadiram o Haiti. Uma força da marinha desembarcou na capital Porto Príncipe, dirigiu-se às caixas fortes do “Banco Nacional do Haiti” e levou os mais de quinhentos mil dólares que ali havia. As forças estadunidenses ficaram no país até 1934, quando deixaram o povo entregue a uma das dinastias mais sanguinárias da região: a família Duvalier: François (de 1957 a 1971) e seu filho Jean-Claude (até 1986).

1916 - As tropas estadunidenses invadem a República Dominicana, onde permaneceram até 1924, deixando como presidente do país outro ditador da pior estirpe: Leónidas Trujillo, mais conhecido como “o chagal do Caribe”, que ficou no poder por 31 anos.

Anos 30/40 - A segunda guerra mundial leva mais de 18 milhões de estadunidenses para as Forças Armadas e as atrocidades de Hitler fazem com que este conflito se transforme na guerra mais popular vivida pelos Estados Unidos, sendo inclusive apoiado pelos trabalhadores ligados à esquerda.

Foi ali que o país consolidou a sua fama de paladino do bem, salvando a humanidade do então denominado eixo do mal.

1946 - Quando assumiu a presidência da Bolívia, um jovem militar nacionalista apoiado pelas forças populares, os Estados Unidos foram criando instabilidades internas, no seu velho estilo, até que conseguiram organizar o linchamento e o assassinato do presidente. Com isso, a Bolívia saiu da influência das ideias “esquerdistas”.

1954 - Também, a Guatemala nacionalista, sob o comando de Jacobo Arbenz, sofreu o peso da mão dos Estados Unidos, aborrecido com o tratamento dado a sua empresa United Fruit. O país foi invadido e o presidente deposto.

1954 - Ainda no mesmo ano, os olhos se voltaram para o Brasil e, usando o mesmo jogo de intrigas e mentiras, a CIA consegue levar à bancarrota o governo de Getúlio Vargas, com o providencial suicídio do presidente.

1955 - Foi a vez de derrubar Juan Domingos Perón e entregar toda a indústria estatal argentina nas mãos privadas, provocando o desmantelamento e a desnacionalização da economia.

1961 - Os ianques tentam acabar com a revolução cubana a partir de uma invasão via Playa Girón. O exército americano, formado basicamente de mercenários, foi derrotado.

1964 - São públicas as tramoias montadas pelos Estados Unidos para depor o presidente João Goulart, no Brasil. Nessa época, começam a aparecer as provas de que a morte de Jango no Uruguai tenha sido um envenenamento urdido pelo serviço secreto.

1965 - Os Estados Unidos invadem outra vez a República Dominicana, onde principiava emergir um levantamento revolucionário popular.

1973 - No Chile de Salvador Allende, incendiavam-se os desejos de vida digna e soberania. Atuando junto à direita, cooptando sindicalistas e lideranças sociais, os estadunidenses foram criando o caldo da contrarrevolução até culminar com um golpe de Es-



Felipe Ferreira



tado, que colocou no poder Augusto Pinochet. Este encharcaria de sangue o país, sob as bênçãos da CIA e da Escola das Américas, que ensinava aos militares as técnicas mais sofisticadas de tortura.

1973 - Também o Uruguai sofreu a intervenção alheia e uma ditadura sanguinária se instalou.

1975 - Dois anos depois, era o Peru que caía a partir de um golpe contra o presidente nacionalista Juan Velasco, que havia nacionalizado empresas estadunidenses e feito uma reforma agrária que beneficiara mais de 370 mil famílias.

Anos 80 - Os Estados Unidos estiveram por trás de todos os movimentos contrarrevolucionários da América Central, combatendo, com mercenários, os partidários de transformações radicais naquela região. Tirando os sandinistas que lograram vencer na Nicarágua, os demais não conseguiram. Antes do sandinismo, eram os EUA quem treinavam e financiavam a ditadura de Somoza.

1981 - São as tramas secretas dos agentes da CIA que viabilizam o assassinato de Omar Torrijos

no Panamá, um presidente nacionalista que logrou rever a questão do canal, viabilizando um acordo de devolução para 1999.

1982 - Os Estados Unidos, pela segunda vez na história, ajudam a Inglaterra a abocanhar as ilhas Malvinas da Argentina. A base estadunidense na ilha Ascensión, os satélites ianques no espaço, as armas, combustíveis, mísseis, e até o serviço diplomático, tudo foi colocado a serviço dos interesses ingleses.

1983 - Os Estados Unidos promovem a invasão à pequena ilha de Granada, que caminhava pela senda do socialismo.

1989 - Bush pai mandou invadir o Panamá e, lá, aportaram mais de 26 mil soldados. O objetivo era depor Manuel Noriega, que tinha sido um bom aliado – e agente da CIA – mas estava querendo caminhar com os próprios pés. Assim, com o argumento de que ele liderava um cartel de drogas, o exército estadunidense baixou em Ciudad Panamá e, no ataque ao bairro mais populoso da capital, El Chorrillo, mais de quatro mil civis morreram.

O DICIONÁRIO DE POLÍTICA, de Norberto Bobbio (Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino), define o imperialismo como a “expansão violenta por parte dos Estados, ou de sistemas políticos análogos, da área territorial da sua influência ou poder direto, e formas de exploração econômica em prejuízo dos Estados ou povos subjugados”. O termo originalmente está associado ao império inglês e se considera que a Alemanha, a Itália e o Japão foram imperialistas nos anos 30, 40. A mesma obra acrescenta que, depois de 1945, quando se apagou o impulso imperialista desses Estados, “o fenômeno do imperialismo continuou a manifestar-se [...] na política neocolonialista praticada principalmente pelos Estados Unidos”.

“Os imperialistas são os parasitas do patriotismo [...] nunca perdem de vista as oportunidades de negócios lucrativos”, já observava, no começo do século passado, o economista inglês John Atkinson Hobson, autor do clássico *Imperialismo: um estudo* (1902) e um dos primeiros a pesquisar o tema. Na transformação capitalista, os mercados internos já não bastam e se tornam necessários os mercados externos para a absorção da produção, mercados que se conquistam com a conquista das colônias. Buscando explicar a rivalidade interimperialista entre as grandes potências, na busca por mais mercados que conduziu à Primeira Guerra Mundial, Vladimir Lênin, na obra *Imperialismo, estágio superior do capitalismo* (1916), afirma que “o imperialismo é o estágio monopolista do capitalismo”. De acordo com a teoria marxista do imperialismo, todas as formas de violência internacional foram provocadas pelas contradições estruturais do capitalismo, que consegue fazer do Estado um instrumento cada vez mais eficaz a serviço dos seus fins. O imperialismo seria, assim, um instrumento essencial para fazer face às contradições do capitalismo e para prolongar a sua sobrevivência, estendendo-as ao âmbito internacional com a exploração de outros povos. Mas a União

Soviética, socialista, também foi imperialista, assim como a Rússia ainda o tenta ser. Portanto, historicamente, como política de expansão e domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras, ou sobre uma ou várias regiões geográficas, o imperialismo extrapola os sistemas econômicos, políticos e sociais.

Como o capital sempre venceu – ou sempre venceu? – o imperialismo, ou, mais modernamente, o neocolonialismo, é associado ao contexto do capitalismo e à busca por mercados e lucro à força, a qualquer custo, inclusive militar. Os Estados Unidos, invariavelmente, justificaram intervenções militares no mundo para combater revoluções ou para obter o controle de mercados com o discurso da Guerra Fria, e não em termos de objetivos imperiais. Mas a verdade é que a guerra virou um negócio para os capitalistas – americanos, sobretudo – e, hoje, grande parte da economia estadunidense está ancorada nesse “setor”. Dois autores norte-americanos estudiosos do capitalismo monopolista, Paul Baran e Paul Sweezy, afirmam que os Estados Unidos não teriam tido, depois da Segunda Grande Guerra, um desenvolvimento econômico tão impressionante se não tivessem destinado parte considerável do seu orçamento aos armamentos, garantindo ocupação para grande massa da população que seria improdutiva e investindo no setor tecnológico, pois grande parte das mais importantes invenções, usadas também no setor civil, provém da atividade de pesquisa do setor militar.

GOLPE NO PARAGUAI E ESPIONAGEM - Assim, voltando à cronologia das ações imperiais americanas, já nos anos 90, os EUA não se limitaram a intervir na América Latina, também estiveram presentes em “ações humanitárias” na Somália, Bósnia e Kosovo. No Afeganistão, mantiveram bem armados os exércitos do talibã para só depois considerá-los inimigos, destruindo-os na guerra pós 11 de setembro de 2001.



1995 - Os ianques invadiram mais uma vez o Haiti, com o argumento de que o governo de Bertrand Aristide era corrupto. Então, para “salvar” o povo, lá foram os marines. Estão lá até hoje, junto com tropas de outros países, entre eles o Brasil.

1999 - Entram também na Colômbia, desta vez com a bênção dos governantes locais. Sob o pretexto de combater o tráfico de drogas – os norte-americanos são os maiores consumidores de cocaína do mundo – programam o Plano Colômbia, que mantém a região sob o seu domínio militar, bem às portas da Amazônia, berço da maior biodiversidade do planeta.

2002 - Avançam sobre o Afeganistão e depois invadem o Iraque, sempre ancorados em fragorosas mentiras. E as mentiras seguem sendo as mesmas, desde o século XIX.

2002 - Desde 1998, quando Hugo Chávez assume a presidência da Venezuela, os Estados Unidos tentam colocar, por terra, todas as ideias nacionalistas que foram se conformando no andar do governo. E o poderio estadunidense é ameaçado quando Chávez começa a falar em socialismo, nacionalização do petróleo, combate à Alca e aproximação com Fidel Castro. Até que o serviço secreto inicia a mesma sorte de tramas, intrigas e formação para o golpe, que acontece em abril de 2002, mas dura pouco tempo.

2005 - Na Bolívia, vence as eleições um aymara que tinha no seu programa a proposta de nacionalizar as riquezas até então em mãos estrangeiras e dar autonomia às nações indígenas. A vitória esmagadora de Evo Morales lhe dá a condição de iniciar reformas que arrepiam o cabelo da oligarquia branca de Santa Cruz, que começa a chamar o separatismo. Tudo orquestrado pelos irmãos do norte. Não bastasse isso, Rafael Correa vence as eleições no Equador com um programa mais próximo de Hugo Chávez e Evo Morales. Era a formação do “eixo” de esquerda que deveria ser extirpado.

2012 - Um documento da embaixada dos Estados Unidos em Assunção, de 23 de março de

2009, vazado pelo site Wikileaks, previa que Fernando Lugo seria derrubado por meio de um golpe parlamentar – exatamente como aconteceu na sexta-feira, 22 de junho de 2012, quando o presidente eleito do Paraguai foi substituído por seu vice Federico Franco. O memorando confidencial tem o seguinte teor: “Rumores indicam que o general Lino Oviedo e o ex-presidente Nicanor Duarte estão trabalhando juntos para assumir o poder por meio de instrumentos (predominantemente) legais que deverão afetar o presidente Lugo nos próximos meses. O objetivo: capitalizar sobre qualquer tropeço de Lugo para iniciar o processo político no Congresso, impedir Lugo e assegurar sua supremacia política [...] A revolta relacionada a um programa de subsídios para agricultores por meio de ONGs foi considerada um pretexto para o *impeachment*, antes que Lugo abandonasse o programa. Para um presidente que enfrenta muitos desafios – disputas políticas internas, corrupção e a percepção de que seu estilo de liderança é ineficiente –, Lugo deve se preocupar para não cometer um erro, que seria seu último”.

2013 - Em setembro, o jornalista norte-americano Glenn Greenwald denunciou que obteve documentos ultrassecretos repassados por Edward Snowden, ex-agente da NSA, atualmente asilado na Rússia, comprovando que a agência americana teria espionado a presidente Dilma Rousseff e a Petrobras. Greenwald afirmou que “o Brasil é o grande alvo” da espionagem americana.

Em outubro, pipocam várias revelações de que o governo americano espiona as contas pessoais de dirigentes de outros países pelo mundo, inclusive de importantes aliados, como a chefe de governo da Alemanha, Angela Merkel. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, foi informado pessoalmente de que o telefone celular da chanceler alemã estava sob escuta, uma espionagem que pode ter começado em 2002. Segundo o jornal Bild am Sonntag, fontes da inteligência americana afirmaram que o diretor da Agência Nacional de Segurança (NSA) americana, Keith Alexander, revelou a operação contra Merkel em 2010. “Obama não

encerrou a operação, e sim permitiu que continuasse”, destacou o jornal, que também cita um alto funcionário da NSA.

O escândalo de espionagem levou os dirigentes europeus a exigir um novo acordo com os Estados Unidos sobre a obtenção de informações de inteligência, ao mesmo tempo em que prossegue a luta contra o terrorismo.

Já agora em novembro, a Indonésia convocou o embaixador da Austrália, que teve a sede diplomática acusada de ter sido utilizada pelos americanos na ampla rede de espionagem internacional, que também provocou irritação do governo da China, que cobrou explicação do governo do EUA. “A China está extremamente preocupada com este relato e exige que os Estados Unidos ofereçam um esclarecimento e uma explicação”, disse o porta-voz da chancelaria chinesa.

O embaixador australiano Greg Moriarty teve uma reunião rápida no ministério das Relações Exteriores em Jacarta. O diplomata foi convocado depois que a revista alemã *Der Spiegel* e o jornal australiano *The Sydney Morning Herald* revelaram que o serviço de inteligência americano utilizou embaixadas australianas na Ásia para interceptar dados, sobretudo pela internet.

Por fim, mas não por último, o secretário americano de Estado, John Kerry, admitiu que os Estados Unidos “foram longe demais” em alguns casos de espionagem, em meio à polêmica na Europa por conta das escutas da NSA, após informações vazadas pelo ex-consultor de inteligência Edward Snowden.

“Em alguns casos, sim, se foi além do que é adequado”, disse Kerry em videoconferência a partir de Londres. “Posso garantir que gente inocente não foi vítima de abuso neste processo, mas há um esforço para tratar de reunir informação”. Gente inocente? Ou seja, para o poderoso irmão do norte, todos são culpados até prova em contrário.

A RIQUEZA DOS POVOS - “A ação conjunta entre as elites predadoras nacionais e o estado terrorista ianque é recorrente e parece seguir sempre o mesmo método: criação de focos desestabilizadores, instrução militar, apoio financeiro e mentiras, mui-

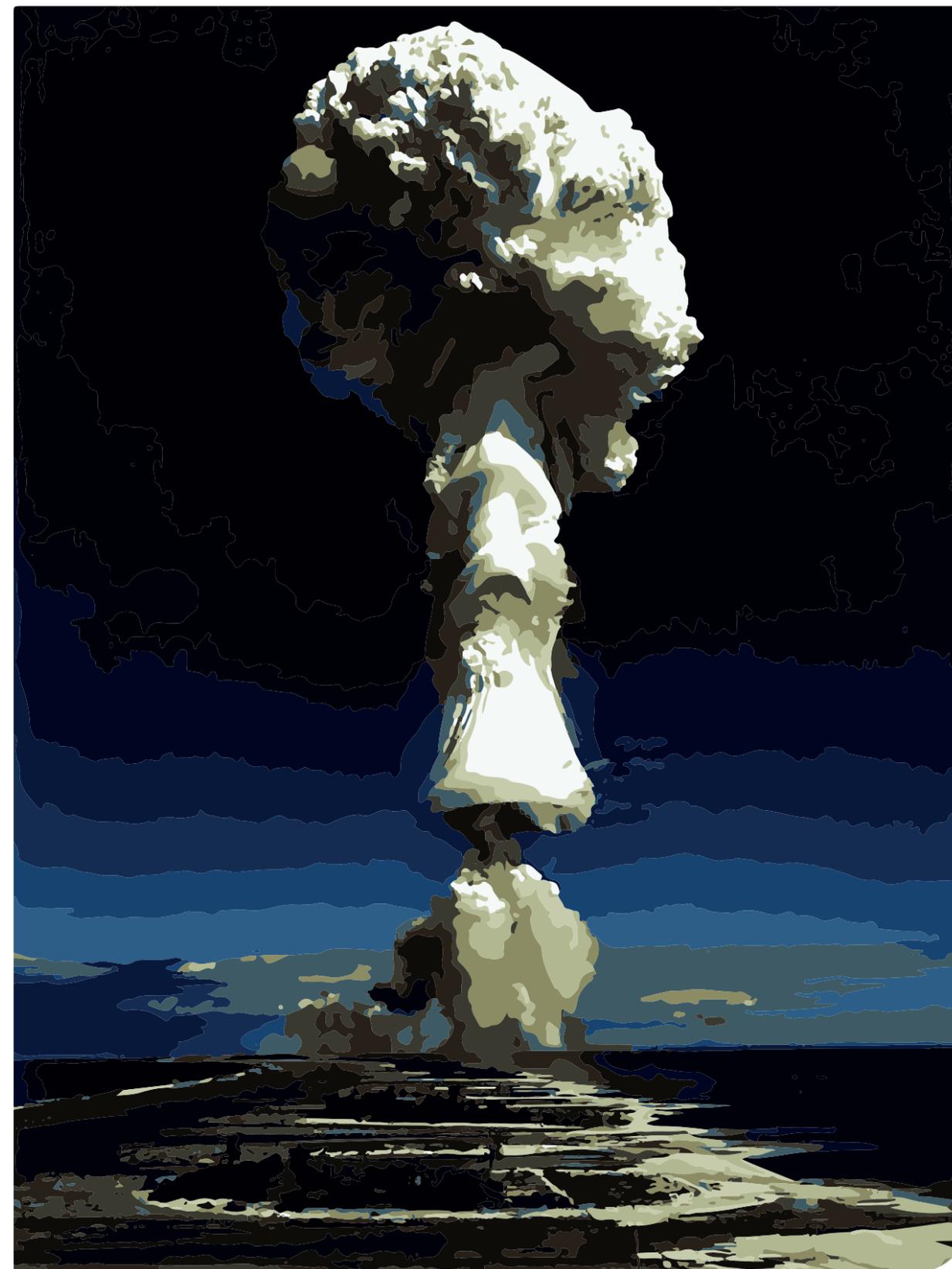
tas mentiras. Estas são reproduzidas à exaustão pelos grandes meios de comunicação, na eterna lógica de desinformação e de fortalecimento da ideologia dominante. Assim, com o mesmo velho método já utilizado em 1836, quando insuflou a elite da região do que hoje é o Texas a se separar do México, os Estados Unidos atentam contra a soberania dos povos sempre com o mesmo objetivo: garantir o seu domínio sobre países e as riquezas dos povos”. A opinião, fundamentada, é do historiador e pacifista estadunidense contemporâneo Howard Zinn, no livro *Uma história popular dos Estados Unidos*.

Mas, retornando à questão inicial: Barack Obama não mudou a política imperialista dos EUA com relação à América Latina. Um relatório publicado, quando empossado, pelo instituto americano Council on Foreign Relations (CFR), entidade baseada em Nova York, já afirmava que os EUA deveriam “aprofundar as suas relações estratégicas” com Brasil e México. O texto também sugeria que o governo americano reavaliasse suas relações com Venezuela e Cuba. A verdade é que quase nada mudou.

O documento intitulado *Relações EUA-América Latina: Uma nova direção para uma nova realidade* afirma que a região mudou e já não depende tanto dos norte-americanos. “A América Latina nunca foi tão importante para os Estados Unidos como agora. A região é a maior fornecedora de petróleo para os Estados Unidos e uma forte parceira no desenvolvimento de combustíveis alternativos”, diz o documento.

“Este relatório deixa claro que a era da influência dominante dos Estados Unidos na América Latina acabou. Países dentro da região não só se tornaram mais fortes como também expandiram relações com outras nações, como China e Índia”.

O CFR reconhece que por 150 anos a diplomacia americana foi baseada na Doutrina Monroe, que reivindicava “a América para os americanos”. No entanto, nas últimas duas décadas, esta visão teria se tornado “obsoleta” e Washington teria falhado na tarefa de readaptar sua política externa à nova realidade da América Latina e do mundo. Portanto... ☐



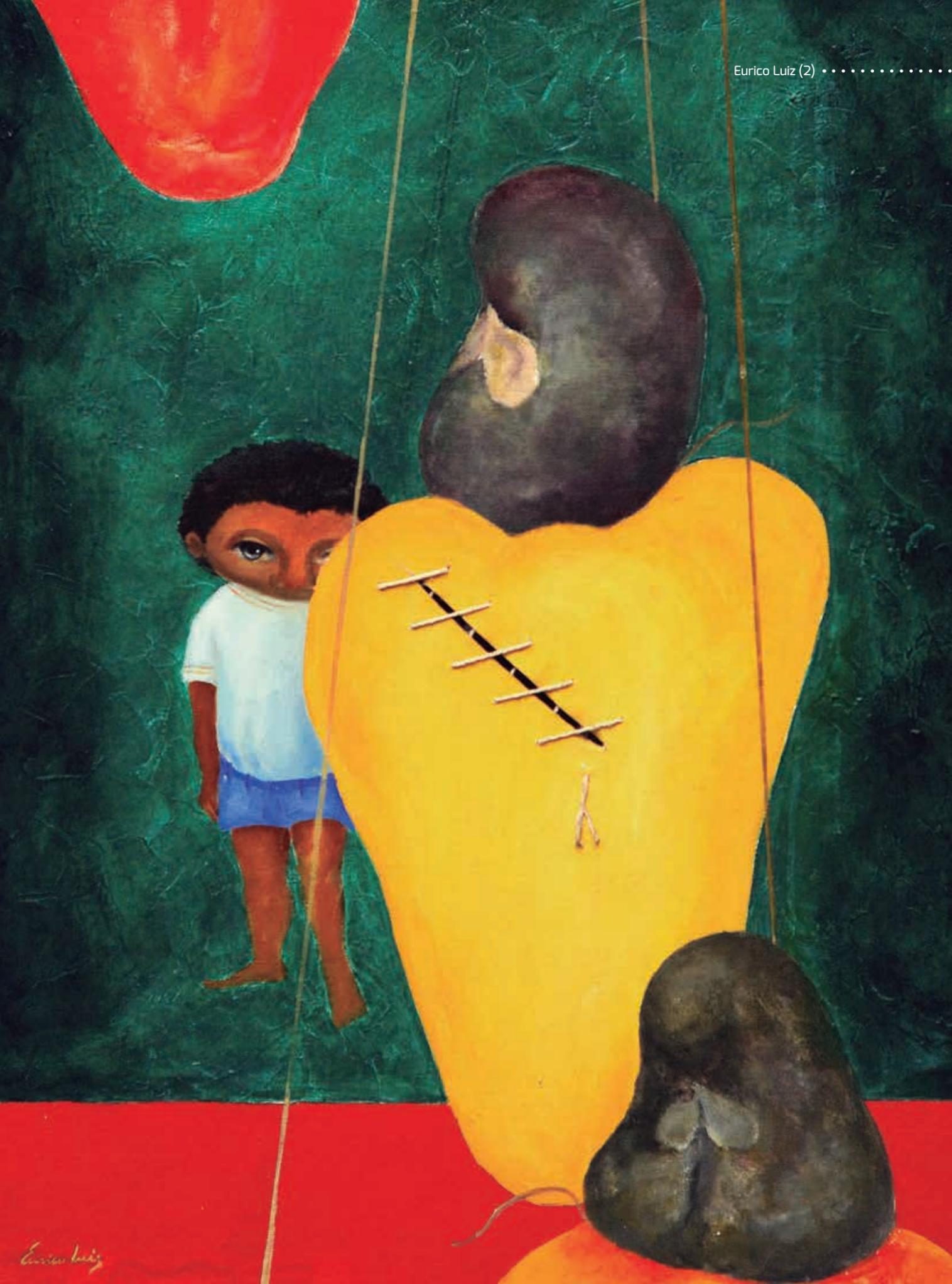
RECORTE DE UMA COLEÇÃO DA DÉCADA DE

70

Mário Britto

Como preconiza o artista visual e crítico de arte César Romero, “Formar uma coleção não tem fim. Não se encerra uma coleção, a arte é sábia, pede vizinhos e eles fatalmente chegarão”. Assim, há mais de trinta anos iniciei uma coleção que, recentemente, resultou no projeto livro/exposição “Um sentir sobre as Artes Visuais em Sergipe”. Essa coleção, hoje, além de pintura – minha primeira paixão –, contempla escultura, fotografia e arte popular; ela é, (e continua sendo), formada por obras que brotaram da fértil inspiração de artistas sergipanos ou como tal artisticamente considerados. São mais de duzentos anos de história que perpassa pelo século XIX com Horácio Hora e Jordão de Oliveira, percorre por todo o século XX e abraça os artistas do atual século.





Valho-me dessa introdução para dizer que não é fácil, portanto, estabelecer qualquer marco ou recorte em um acervo onde cada artista tem o seu valor intrínseco e cada obra emoldura-se de emoção própria. Desde a minha vinda, em 1977, de Propriá – terra dos artistas Samuel Batista, dos irmãos Álvaro Santos e Florival Santos, e dos contemporâneos Joubert Moraes e Tintiliano – para Aracaju, tenho dançado, usando uma expressão de Ilma Fontes, “*de rosto colado*” com as artes plásticas. Na década de 70, o artista que mais me chamava a atenção era Eurico Luiz. Fui aluno dele com Adriana Hagenbeck e Cláudio Vieira, também seus pupilos, compartilhei aulas, dividi pincéis, telas e tubos de tintas.

Nos anos 70, o Brasil, em plena ditadura, vivia um momento de tensão, mas a repressão ao pensamento não inibiu a revolução das artes; os artistas, sempre na vanguarda dos acontecimentos, foram imprescindíveis para o surgimento de uma sociedade mais comprometida com a cultura e com a própria política. Espaços como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, a Pinacoteca de São Paulo e eventos culturais do porte dos realizados na Bienal de São Paulo, no Salão de Arte Moderna e no Salão Nacional, serviram de territórios para essas transformações.

No mundo, os museus, tradicionais colecionadores de obras

de artes, atraíam os turistas interessados em conhecer os seus ricos acervos, como o Museu do Louvre e D’Orsay, em Paris; o Museu do Prado, em Madri; o Museu Hermitage, em Saint Petersburg; o National Gallery e o British Museu, em Londres; o Museu Metropolitan e de Arte Moderna, em Nova Iorque; o Museu do Vaticano, em Roma; o Museu Rijksmuseum, em Amsterdã; e o Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

Em Sergipe, como em todo o Brasil, os artistas também se valeram dessa onda de posicionamento político das artes e ocuparam espaços como o Festival de Artes de São Cristóvão – FASC, uma idealização da Universidade Federal de Sergipe; a Galeria de Arte Álvaro Santos, a primeira galeria oficial de arte do Estado, fundada em 1966, durante o governo municipal de Godofredo Diniz Gonçalves; o Teatro Atheneu e o Cacique Chá, ponto de encontro da intelectualidade sergipana. O atelier de pintura de J. Inácio e o de Florival Santos, consagraram-se como importantes locais que reuniam os artistas aspirantes e os já consagrados.

A liberdade pedia passagem e os artistas foram os desbravadores desses caminhos. A inquietude latente de Mário Jorge e Ilma Fontes, na poesia; de Amaral Cavalcante e Hunald Alencar, na literatura; de Jorge Lins, no teatro; de Lu Spinelli, na dança; de Lineu Lins e Mário Neto, na fotografia e de Alcides Melo, Mar-

1 - LEONARDO ALENCAR (1940) S/título. Acrílico sobre tela, 60x60 cm, assinada em 1990. Foto: Márcio Garcez.

2 - EURICO LUIZ (1936 – 2004) *Cabeça Chata com Caju*. Acrílico sobre tela, 90x70cm, assinada: s/data. Foto: Márcio Garcez.

cos Preto e Sérgio Botto, na música, não se enquadrava na rígida ordem das casernas. Eles fizeram da arte instrumento de liberação e contestação, usando-a para exprimir a vontade do povo.

No universo das artes plásticas não foi diferente. Muitos artistas participaram como protagonistas desse novo tempo. Entre tantos outros, considerando aqueles cujas obras em minha coleção, recorto:

Eurico Luiz, pintor, escultor, cenógrafo e professor de pintura, nascido no dia 20 de novembro de 1936, em Araçatuba/SP; falecido no dia 09 de dezembro de 2004, em Aracaju/SE. Paulista de nascimento, costumava dizer que era “*baiano pelo coração e sergipano por adoção*”. Depois de se formar na Escola de Belas Artes, na Universidade Federal da Bahia, veio para Sergipe onde morou por mais de trinta anos e construiu uma carreira sólida. Detalhista, crítico, inquieto e polêmico pela própria natureza, vivia em permanente estado de criação, pintava, desenhava, esculpia, criava cenários para espetáculos, realizava decoração na-

talina e carnavalesca para clubes e para logradouros públicos. Como esmerado artífice, foi responsável por uma das restaurações do Palácio-Museu Olímpio Campos.

Em sua trajetória profissional, participou de diversos festivais, encontros culturais e exposições, em Sergipe e em outros Estados. Com igual brilho, expôs nos Estados Unidos: na Pensilvânia, em Nova Iorque e em Los Angeles, como também no Salão de Artistas Baianos, em Madri, na Espanha.

Realizou uma quantidade considerável de obras públicas e painéis, hoje espalhados pelas ruas, praças e avenidas da capital sergipana, a exemplo do obelisco, em forma de caju, na ponte da Coroa do Meio; o mural do Forródro-romo Luiz Gonzaga, no Conjunto Augusto Franco; os murais do Parque dos Cajueiros e o Peixe Monumental, no clube dos pescadores na Atalaia. A sua obra mais representativa encontra-se na praça do Iate Clube, em Aracaju. Ela é formada por um conjunto de esculturas que incluem o boto, em homenagem ao legendário Zé Peixe; o Brasão de Aracaju; e a imensa Arara ladeada por grandes cajus amarelos e vermelhos.

Leonardo Alencar, pintor, gravador, ilustrador e desenhista, nascido no 06 de abril de 1940, em Estância/SE. Após haver estudado como aluno regular da Escola de Belas Artes da Bahia, tornou-se professor contratado e participou da implantação da cadeira de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Bahia. Em

1966, foi um dos organizadores da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas na Bahia. No início da década de 70, viajou para estudar na Europa, como artista residente, fixando residência em Londres, onde desenhou para a revista *Time Out*. Expôs em Londres, Liverpool e Paris. Em 1972, tornou-se sócio do Instituto Nacional de Arte Contemporânea na Inglaterra e, em 1974, retornou ao Brasil, passando a residir em Salvador até a década de 80, quando voltou a Aracaju, cidade em que, atualmente, vive, desenvolve a sua arte e ministra cursos de pintura e de história da arte.

A obra de Leonardo é completa. Além de suas telas de cores vibrantes, produziu painéis, murais e ilustrações para livros. O conjunto de seu vasto trabalho coroou com diversas e importantes premiações. Desde 2005, é o ocupante da cadeira nº 9 do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, da Academia Sergipana de Letras. Em 2012, tomou posse como integrante da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), do Ministério da Cultura, para o biênio 2013/2014.

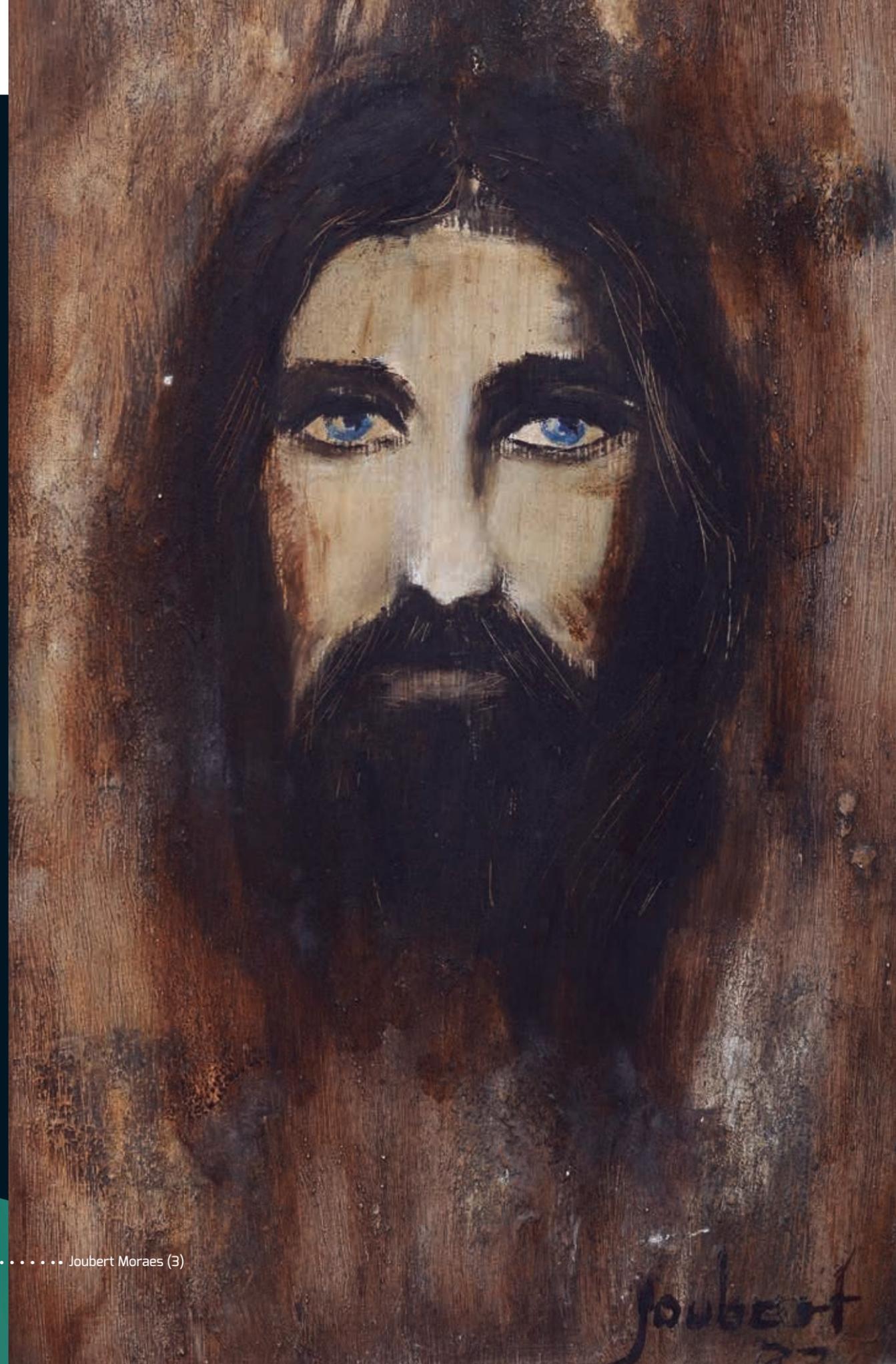
Mestre expressionista, Leonardo Alencar é desenhista por excelência, tem domínio no uso da técnica mista, produz muito, mas não se repete, usa cores vibrantes, fortes e luminosas. Suas obras, sejam aquarelas, desenhos em bico de pena ou acrílica sobre tela, não são estáticas, são questionadoras, mexem com o nosso imaginário e cumprem divina-

mente o seu mister, que é despertar a inquietação dos seus admiradores. Seus temas recorrentes são as personagens da *Commedia dell'Arte*: pierrôs, arlequins e colombinas; figuras em poses eróticas; naturezas-mortas; animais, como pássaros, felinos, cavalos e, predominantemente, peixes.

Joubert Moraes, pintor, escultor, músico e produtor, nascido no dia 13 de dezembro de 1947, em Propriá/SE. No final dos anos 60, impulsionado pelas mudanças dessa pujante e revolucionária década e em busca de aperfeiçoamento técnico, Joubert foi morar em Salvador, onde fez o curso livre de arte, oferecido pela tradicional Escola de Belas Artes. Lá, estudou com o renomado desenhista Juarez Paraíso, por quem tem uma grande admiração e confessa ter sido o artista que mais o influenciou. Nessa mesma época, em Salvador, faz as primeiras excursões pela abstração, conhece o pintor russo Lev Smarshevski e compartilha conhecimentos com os artistas Aleixo Belov, Luiz Jasmim, Tatty Moreno e Fernando Coelho.

De volta a Aracaju, em 1968, Joubert realiza a sua primeira exposição individual na Galeria de Arte Álvaro Santos. Em meados dos anos 70, Joubert dirigiu o espetáculo teatral “Vôos Mitos

3 - JOUBERT MORAES (1947)
Cristo. Óleo sobre tela, 40x26
cm, assinada em 1972. Foto:
Márcio Garcez.



..... Joubert Moraes (3)

Coloridos”, dando início a mais um viés de seu talento artístico – a arte performance.

Vanguardista, Joubert está e sempre esteve à frente do seu tempo. Sua obra é individualizada, possui estilo próprio que o denuncia ao primeiro olhar. Pessoas reais ou fictícias, camufladas entre nebulosas nuvens e esvoaçantes coqueiros; paisagens surrealistas, lembranças da suave brisa que sopra os coqueiros da Praia da Atalaia e as alvas dunas do Abaís; e autorretratos, numa figuração metafísica, caracterizam a sua inconfundível arte pictórica.

Joubert tem uma relação completa e visceral com a arte, que a realiza com apurado gosto e aptidão. Toca violão com a mão direita, pinta com a esquerda e, com ambas, faz as esculturas. Assim, em razão da vocação variada para a arte, Joubert tem uma carreira rica e diversificada: pintura, desenho, escultura, música, cenografia, poesia, produção e direção de espetáculos e shows são, apenas, punhados da sua arte e partes de seu multifacetado talento.

François Hoald, pintor, escultor, ceramista, nascido em 1949, em Itabi/SE; falecido em 1974, em Aracaju/SE. De temperamento irreverente, transformou a sua inquietude em combustível para manifestar a criatividade. Depois de haver morado em Aracaju por alguns anos, mudou-se para Recife, onde montou seu atelier. Transferido para o Rio de Janeiro, cidade palco dos acontecimentos revolucionários da década de 60, envol-



François Hoald (4) ...

4 - FRANÇOIS HOALD (1947 - 1974)
5/título. Acrílico sobre tela, 40x30 cm, assinada em 1973. Foto: Márcio Garcez.

5 - ANTÔNIO MAIA (1928 - 2009)
Ex-Votos. Acrílica sobre Tela, 88x25 cm, assinada em 2000. Foto: Márcio Garcez.

veu-se com os movimentos culturais e abriu uma pequena galeria chamada de “Petit Galerie Hoald”.

De volta a Sergipe, viveu, também, grandes momentos de efervescência política e produção cultural. Colorista por excelência, atribuiu à cor o papel de protagonista principal em seus trabalhos. Em sua iconografia constam imensos painéis, nos quais flores tropicais e cajus estão sempre presentes. Usava cores fortes e abusava dos contrastes. Executou obras públicas como os painéis do Hotel Atalaia e um mural na frente do Iate Clube de Aracaju. Hoald, embora só tenha vivido vinte e cinco anos, marcou o seu tempo.

Antônio Maia, pintor, desenhista, gravador e ilustrador, nascido no dia 09 de outubro de 1928, em Carmópolis/SE; falecido no dia 11 de julho de 2008, no Rio de Janeiro/RJ. Depois de viver toda a infância no interior sergipano, em 1945, passa a residir em Salvador, transferindo-se, em 1948, para o Rio de Janeiro, cidade que escolheu para viver e expressar a sua arte.

Inspirado pelos temas sacros, Antônio Maia retratou santos populares e utilizou, em suas composições, elementos de cunho religioso, como o trigo, a pomba, o peixe e as rendas das toalhas que ornaram os altares e os nichos das capelas e igrejas. Sua iconografia é marcada pela presença dos ex-votos, figuras esculpidas em madeira ou cera, representando partes do corpo

humano, que são colocadas em igrejas ou capelas, por agradecimento de graça ou cura alcançada, feitas por força de uma promessa ou “voto”.

Entre os anos 1955 e 1963, fez pesquisas de textura. Em 1959, sua pintura trilha no âmbito da abstração informal e Antônio Maia começa a participar dos salões de arte moderna. No exterior, entre os anos de 1965 a 1978, dá início a uma carreira internacional, expondo na América Latina: no Chile, na Argentina e na Venezuela; e, na Europa: em Portugal, na Espanha, na França, na Suíça e na Inglaterra. Nos Estados Unidos, expõe em 1969, na Art Gallery of Brazilian American Cultural Institute, em Washington.

Artista premiado, em 1970, Antônio Maia logrou o cobiçado prêmio, o de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Arte Moderna e foi para a Europa residindo entre Barcelona, Londres e Genebra. Voltando ao Brasil, fixa residência no Rio de Janeiro. Em 1973, obras suas são adquiridas pelo Museu de Ontário, Canadá. Em 1977, viaja para a Tailândia e permanece por dois meses em Bangkok, realizando exposições.

Segundo o crítico de arte, Roberto Pontual, Antônio Maia figurava entre os oito mais importantes artistas do XVIII Salão de Belas-Artes. Não sem razão, em 1969, ao editar o Dicionário de Artes Plásticas do Brasil, estampou um quadro de Antônio Maia na capa. □

Antônio Maia (5) ...





Entre a Rebeldia e a Alienação

A década de 1980 e a
massificação do rock no Brasil

José Augusto Batista dos Santos

O Núcleo de Estudos de Cultura da UFS, cadastrado no CNPq e vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras e aos programas de pós-graduação em Letras e Educação da mesma instituição, está desenvolvendo uma pesquisa de Iniciação Científica, por mim orientada, sobre o processo de massificação do rock no Brasil na década de 1980. O título da pesquisa é "Entre a rebeldia e a alienação: a década de 80 e a massificação do rock no Brasil". Dei esse título porque, a meu ver, essa é a grande questão da cultura contemporânea, esse entre-lugar, essa encruzilhada, devido à sua condição diaspórica, necessariamente híbrida (Hall, 2006). Para quem viveu a década de 1980, como eu, acaba sendo uma história de vida: o que vivíamos, momentos de rebeldia ou de alienação? Nossa memória e nossos dados indicam que havia alguns aspectos de rebeldia e outros de alienação. E como o rock entra nessa história?

Quando o rock surgiu, o mundo – pelo menos o ocidental – havia passado por uma revolução cultural sem precedentes. A emancipação feminina e das chamadas minorias sexuais tinha provocado o declínio da instituição familiar, o que se fazia notar pelo número de divórcios e desquites, de que os estudos sociológicos já davam conta. Nas décadas de 1950 e 1960, o conceito de “juventude” assumiu um novo aspecto, fazendo com que os grupos de jovens tomassem consciência de sua força e poder político. Para Hobsbawm (1998), a efetividade política do movimento estudantil de 1968 se deveu somente à sua capacidade de agir como detonadores para grupos maiores, que se inflamavam com menos facilidade, ao contrário do que ocorreu com as rebeliões estudantis da China, da Coreia do Sul e da Tchecoslováquia, na década de 1980, cujo potencial político e revolucionário se realizou mais plenamente, sendo muitos estudantes massacrados em confrontos abertos com as forças do Estado.

O rock, apesar de ter sua origem nos bairros e comunidades negras dos Estados Unidos, tido como um desdobramento do rhythm and blues – que também teria servido de base para a soul music, o jazz e o funk –, acabou se tornando uma espécie de porta-voz para os anseios e necessidades dessa cultura juvenil, sobretudo para a juventude branca, na medida em que fazia a fortuna



Elvis Presley - Jailhouse Rock

da indústria fonográfica multinacional, globalizava ícones, comportamentos, símbolos, signos e estilos musicais em quase todas as partes do mundo. Os novos e jovens heróis, que morriam vítimas dos exageros de sua força juvenil ou de overdose de álcool, cocaína e heroína, como James Dean (1931-1955), Brian Jones (1942-1969), Janis Joplin (1943-1970) e Jimi Hendrix (1942-1970), pareciam confirmar a tese de que só valia a pena viver enquanto jovem. “Eu quero morrer antes de

ficar velho”, dizia o refrão da música “My Generation”, em 1965, da banda The Who.

A cultura juvenil representada pelo rock and roll significou também a internacionalização dos produtos da cultura de massa dos Estados Unidos, de modo particular, e da língua inglesa, de maneira geral, uma vez que muitos dos artistas que mais faziam sucesso nesse gênero vinham da Grã-Bretanha e, mesmo quando não eram oriundos de países anglófonos, expressavam-se musi-

calmente em inglês. Assim, tanto o blue jeans, quanto as letras das bandas e dos artistas de rock tornaram-se marcas universais da juventude branca, o que se fazia cada vez mais efetivo com a grande circulação de discos, fitas cassete, e a popularização do cinema, do rádio e da televisão, que proporcionavam a diversas partes a transmissão via satélite de shows dos Beatles e de festivais como o de Woodstock. Ao mesmo tempo, os movimentos de afirmação dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, liderados por personalidades político-religiosas como Martin Luther King (1929-1968) e Malcom X (1925-1965), por movimentos como o dos Black Panthers, por autores como Ralph Ellison (1914-1994) e Toni Morrison (1931) e artistas como James Brown (1933-2006), fizeram com que a música representada pelo som da Motown ou da Philadelphia, de onde saíram muitos dos principais artistas negros, como Steve Wonder (1950) e Michael Jackson (1958-2009), se tornasse um poderoso elemento de identificação da juventude negra norte-americana e depois mundial, como comprova o festival Wattstax, realizado em 1972, em Los Angeles, e organizado pela Stax Records, em comemoração ao sétimo aniversário dos conflitos do bairro negro de Watts, na mesma cidade em que os moradores se confrontaram violentamente com a polícia, numa espécie de mico-guerra civil que causou o incêndio e a des-



A cultura juvenil representada pelo rock and roll significou também a internacionalização dos produtos da cultura de massa dos Estados Unidos, de modo particular, e da língua inglesa, de maneira geral.

Raul Seixas





Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia no programa "Jovem Guarda"



A massificação do rock no Brasil se inicia em 1982, com o “boom” do rock carioca, representado pela Blitz, Herva Doce, Lulu Santos, Barão Vermelho, Sangue da Cidade, dentre outros.

truição de vários prédios, e que é tido como o “black Woodstock”.

As novas narrativas literárias e cinematográficas buscavam dar conta desse novo estado de coisas, e temas antes evitados, como a subcultura homossexual, as drogas e o amor livre, ganhavam uma ênfase especial, o que não se restringiu ao final dos anos de 1960, mas também instalou-se na cultura disco dos anos de 1970, e mesmo nos movimentos punk e new wave entre 1976 e 1982, na Inglaterra. As experiências psicodélicas, que já haviam sido objeto principal da literatura Beat na década de 1950, ganharam o estatuto de objeto de estudo científico na década seguinte e passaram a confundir-se com alguns ideais do surrealismo, como sugere o slogan de maio de 1968: “Quando penso em revolução quero fazer amor”. Nesse período de ascensão e hegemonia do indivíduo branco de classe média, os limites entre ficar drogado e fazer a revo-

lução pareciam muito tênues.

Se o rock, tal como se tornou, isto é, como expressão cultural da juventude branca do Ocidente – hoje, pode-se dizer que se tornou expressão “universal”, ou “globalizada” –, nasceu em 1954, quando Elvis Presley (1935-1977) gravou a música “That’s Alright Mama”, a despeito de outras manifestações musicais que lhe prepararam o caminho, oriundos da subcultura afro-americana, no Brasil, é na década de 1980 que ele vai assumir uma dimensão de cultura popular, embora alguns artistas e bandas já viessem se destacando nesse gênero musical desde finais da década de 1950. Podem ser citados, como precursores, Sérgio Murilo (1941-1992), Celi Campelo (1942-2003), Roberto (1941) e Erasmo Carlos (1941), Tim Maia (1942-1998), algumas canções de Wilson Simonal (1938-2000) e Renato e seus Blue Caps, entre tantos ou-

tros, num primeiro momento, na década de sessenta, que culmina com o aparecimento dos Mutantes, por volta de 1966. Na década seguinte, além do movimento das bandas de rock progressivo, que influenciou os músicos do Clube da Esquina e deu origem a bandas como O Terço, A Bolha (que já vinha da década de sessenta), Vímana, dentre outras, além da segunda fase dos Mutantes, já sem Arnaldo e Rita Lee, houve a explosão nacional de dois grandes artistas que despontaram em suas carreiras solo: Rita Lee (1947) e Raul Seixas (1945-1989).

Um primeiro desafio da pesquisa foi fazer um recorte cronológico na década de 1980, que, a rigor, se inicia em 1981 e termina em 1990. Assim, estabeleci como critério a receptividade dos artistas ou bandas selecionados, medida a partir de suas vendas e/ou repercussão no material bibliográfico, discográfico

e filmográfico consultado. Desse modo, embora tenhamos selecionado uma ampla variedade de material, foram objeto de estudo somente aqueles discos que fizeram “sucesso”, o que significa, no contexto da pesquisa, uma média de cem mil cópias vendidas. Um segundo critério foi o do surgimento no cenário nacional. Desse modo, ao invés de acompanharmos a carreira de determinado artista ou banda, só levamos em consideração o ano do lançamento do seu primeiro disco, bem como seu impacto no cenário musical e no

mercado fonográfico da época. Com tais pressupostos, chegamos à conclusão de que a massificação do rock no Brasil se inicia em 1982, com o “boom” do rock carioca, representado pela Blitz, Herva Doce, Lulu Santos, Barão Vermelho, Sangue da Cidade, dentre outros, embora, em 1980 e 1981, alguns discos de rock de bandas que vinham dos anos setenta terem sido lançados. 1982 é também o ano de lançamento do primeiro disco de heavy metal do país, pela banda paraense Stress, e viu a propagação nacional do movimento

punk de São Paulo, com o festival Começo do Fim do Mundo, realizado no Sesc Pompeia, que se tornou até matéria do programa Fantástico, da Rede Globo. Em 1983, o rock se transforma em pop rock e se populariza ainda mais, alcançando estações de rádio AM com Ritchie, Kid Abelha, Magazine, Absyntho, Titãs, Paralamas do Sucesso etc., mas também traz o lançamento pela gravadora da Globo, a Som Livre, paradoxalmente, de uma banda punk de Salvador, o Camisa de Vênus. Em 1984, vemos o surgimento do

Jimi Hendrix - Woodstock



O surgimento da MTV no Brasil, em 1990, e depois a popularização da Internet, mudou a lógica de produção e recepção/ consumo cultural, abrindo espaço para uma espécie de pulverização de produtos culturais em luta contínua pela hegemonia nacional.



Renato Russo



Com o distanciamento favorecido pelo tempo, podemos ver que os artistas e bandas que surgiram entre 1982 e 1988 marcaram uma geração e provocaram a construção de novas identidades, ao mesmo tempo rebeldes e alienadas.

rock de Brasília no cenário nacional, com o Legião Urbana e o Capital Inicial, mas também de um rock experimental paulista que tem seu representante mais acabado nos Voluntários da Pátria. Em 1985, ano da realização do primeiro Rock in Rio, que consagrou os Paralamas do Sucesso, assistimos à popularização do rock paulista, por conta do lançamento dos discos do Ultraje a Rigor e de bandas como Metrô, Tokyo e RPM, que vai se tornar, no ano seguinte, um fenômeno de vendas, alcançando disco de platina. Em 1986, surge no cenário nacional o rock gaúcho, com os Engenheiros do Hawaii, e a banda Zero, de São Paulo, vai ganhar disco de ouro, bem como o Ple-

be Rude, outra banda de Brasília. Enquanto isso, bandas dos anos anteriores, que ainda não tinham alcançado sucesso maciço, como o Ira e os Titãs, finalmente se consolidam, enquanto novos estilos e novas tendências se lançam em São Paulo, como as Mercenárias, o Fellini e o Smack. Em Belo Horizonte, o Sepultura lança seu primeiro disco nesse ano.

Em 1987, surge uma nova leva de bandas cariocas, representada pelo Hojerizah e pelos Picasos Falsos, e outra banda gaúcha, a Nenhum de Nós, faz sucesso. O surgimento de bandas como o Gueto, de São Paulo, que experimentava uma mistura de rock, funk e rap, já deixa entrever que o rock nacional já estava dan-

do seus últimos suspiros, embora bandas como Titãs, Legião Urbana, Capital Inicial e Paralamas do Sucesso estivessem em suas melhores fases, alcançando a venda de centenas de milhares de cópias de seus discos. Em 1988, decretamos o fim da era rock nacional, por várias razões. Em primeiro lugar, não apareceu nenhuma banda de rock que estourasse nacionalmente, embora no ano seguinte a Legião tenha alcançado seu maior número de vendas, com As Quatro Estações, mas já não se tratava mais de rock, e sim de uma música popular que já tinha sido absorvida até mesmo pelos artistas de axé music, que no ano anterior já tinham alcançado o estrelato nacional, como foi

o caso de Luiz Caldas, em 1987, e da banda Reflexus, já em 1988. Em segundo lugar, outros estilos musicais, como a já mencionada axé music, o hip hop e o surgimento de novos artistas, como Ed Motta e Marisa Monte, tornaram o rock dos anos oitenta algo datado, o que se verificava pelo pouco apelo que tinham os novos artistas que se lançavam nacionalmente. Em terceiro lugar, finalmente, o rock parece ter alcançado seu limite nessa época, dando origem a uma série de “revivals” e releituras de estilos de décadas anteriores. No início da década de 1990, o movimento denominado pela mídia de manguê beat, ou “bit”, tornou o rock da década de 1980 ainda mais anacrônico. O surgimento da MTV no Bra-

sil, em 1990, e depois a popularização da Internet, mudou a lógica de produção e recepção/consumo cultural, abrindo espaço para uma espécie de pulverização de produtos culturais em luta contínua pela hegemonia nacional.

Com o distanciamento favorecido pelo tempo, podemos ver que os artistas e bandas que surgiram entre 1982 e 1988 marcaram uma geração e provocaram a construção de novas identidades, ao mesmo tempo rebeldes e alienadas. Ademais, a qualidade das músicas passou pela prova do tempo, pois muitos sucessos da época ainda tocam no rádio. Os elementos de rebeldia prendem-se a aspectos comportamentais, novas posturas perante a sexualidade, a ecologia e a política,

engajamento nos movimentos políticos, num momento em que o país passava por um processo de democratização. Mesmo artistas de sucesso eram flagrados em situações públicas nada abonadoras, como os Titãs e o Barão Vermelho, envolvidos com a polícia por conta de posse de drogas, ou Renato Russo, que declarou para a grande imprensa que era “pansexual”. No entanto, ao mesmo tempo, muitos deles tocavam no programa do Chacrinha e namoravam com atrizes globais. O aspecto de alienação mais marcante prende-se à questão étnica, que nunca foi objeto de sério questionamento na época, o que fez com que achássemos natural o aspecto etnocêntrico das bandas que tentávamos imitar no Brasil. □



Joe Cocker - Woodstock 1969



Jozailto Lima é jornalista e poeta e, como diria um poema do Cacaso, “não nega sua raça, faz verso por pirraça e também por precisão”. Nasceu em Várzea do Poço, Bahia, em 11.11.1960, onde viveu até os 19 anos e está em Aracaju há 23. É autor de quatro livros - “A Flor de Bronze e Outros Poemas de Mediamor”, 1986, trazido de Feira de Santana, “Plenespanto”, 1996, “Retrato Diverso”, 2004, e “Viagem na Argila”, 2012. Os três primeiros, premiados na Bahia e em Sergipe. Sua poesia faz profunda inquirição sobre o sentido da existência. Como prenunciou Carlos Drummond de Andrade, em carta que lhe remeteu em 1985, “gera e transmite emoção no seu grave sentimento de vida”. Ou como disse Antônio Carlos Viana, “a poesia de Jozailto é uma poesia de ideias, enunciadas com forte tom emocional”. “Sem deixar de ser um homem do seu tempo, de seu torrão e, por consequência, do mundo”, arremataria Ronaldson Sousa. É diretor de Jornalismo do Cinform.

DISPAROS

O revólver não diz para bala
o revólver dispara bala
o revólver diz parabélum.

O poeta (ah o poeta) disparafior.

O mundo rodopia nestes
disparos
e o amor, esse, nunca
desabrochou.

*(De Flor de Bronze e Outros
Poemas de Mediamor)*

ECLESIASTES

Para Acácia Rios
Minha arma sou eu mesmo

O sol e a lua ajudam-me
a puxar o gatilho diário
na direção do mesmo alvo
na direção do mesmo ermo

Eu mesmo sou minha mira

Ardo. E ninguém, debaixo
do sol ou da lua, me desarma

Minha arma é minha alma.

(De Plenespanto)

UMA OUTRA ODE

Vou dizer paisagens
exteriores. de tudo alheio.

abrir janelas
para bem além
da minha alma.

olhar com indiferença
e calma
o que vai na carne
da vida.
e nenhuma mágoa.

sem lirismo algum.
mosca por dentro da veia.

o irmão de mão estendida
lábio partido
lepra exposta
a criança deserta

na rua
os vendedores de verdura e sexo
os gumes da violência
da ternura
no pino do dia, na noite
e eu com isso?

farto de lirismo,
fito outro compromisso.

vou cerrar minhas janelas
com serena calma
– madame que conduz
cãozinho de pata mansa
a passear.

vou tecer odes frias
impermeáveis.

não direi nada do meu interior
– deixo em paz minha bílis.
porque o lirismo, minha irmã,
leva a nada e com o nada condiz.

(De Viagem na Argila)

O RIO E O PAI

À margem esquerda do meu pai,
nasce um rio.
afaga de orvalho
a aba do seu chapéu de baeta

e piabas saltam direto
do leito ao sonho dele.

desde pequeno,
assisto àquela festa
entre ele e aquele curso d’água

e pulo fundo do alto
dos seus barrancos
e suas árvores de beira.
faço ondas largas
que irrigam de volta a alegria
paterna curvada sobre a lâmina.

nunca lhe perguntei
como nasce e nem onde
se põe aquele feixe d’água.

só sei que à margem
do meu pai nasce
e principia um rio.

e que por vezes ele apanha
um pouco da água no chapéu
e a guarda na algibeira.
e brinca com ela,
como se lhe fosse um mar parti-
cular.

ADÃO

Adão:
palavra esconsa
longa e lenta.
nasce no batente da minha casa
no bulbo
na cepa do que sou
e vaza em reverso
até conectar-se
ao primeiro cacho do algodão
que ninguém jamais colheu
anterior à primeira aurora.
tanto precipício, oh adão,
haverá de vir de sob os teus pés.
tanto barro
tanto berro
profundo em gargantas abertas ao
mundo:
oh tão lenta e longa e célere palavra
Adão.
nela, descerram
e dissipam-se as brisas do paraíso.
por tu, ó filho da bruma,
cerca-se a casa,
entorna-se todo o sangue
e as varejeiras conjecturam
a invenção das moscas
que haverão de passear por tanta
carne.
Adão: a mim tu me pregas
na tábua do impresentido.
mas nada em ti me dói,
ó alongado e perene homem pri-
meiro.

(inédito)

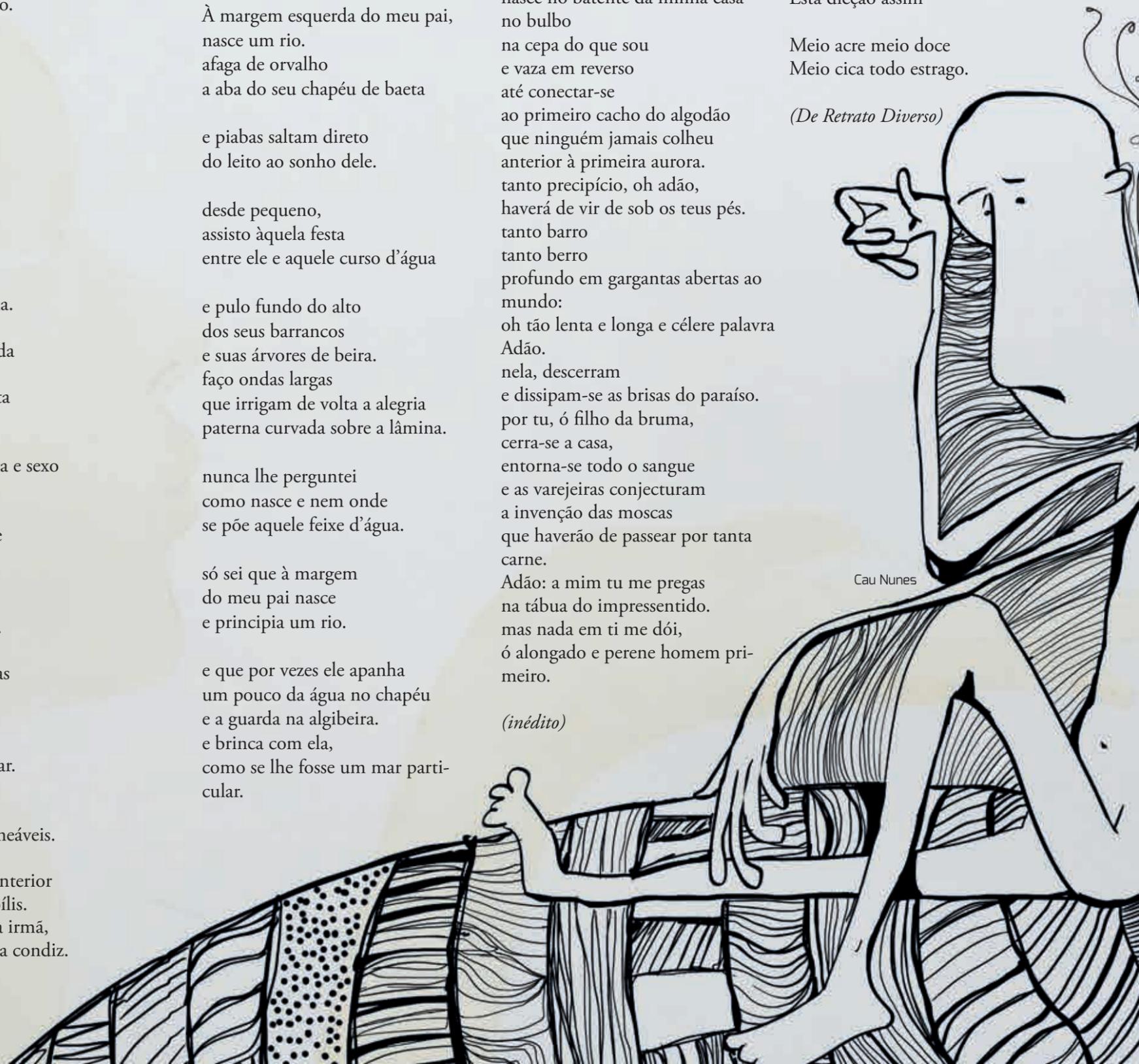
MÁCULA

Uma certa cicatriz
Que tenho e trago
Talha em mim
Esta dicção assim

Meio acre meio doce
Meio cica todo estrago.

(De Retrato Diverso)

Cau Nunes





Quem é Araripe Coutinho? Um poeta doidivana que sonha com o nobel. Considera-se a única coisa nova da literatura surgida por aqui. Acha que vai ser achado assim que se encontrar. Ou seja, nunca. É jornalista, mantém uma coluna diária no Jornal da Cidade que existe há 42 anos (o jornal) e sonha em um dia viver só de literatura e jogar o celular fora. Como é viciado em facebook está difícil concretizar o sonho. Fora isso, Araripe é mesmo o máximo.

Os Hexagramas (I Ching)

O criativo (Ch'ien)

O criativo é Deus
Espora fincada no peito.
Réptil o homem rasteja
Sua fome de céu.
As moedas arpejam
Dúvidas.
O homem nada sabe do destino
E Deus ri.

O receptivo (kun)

Tal uma égua
ele idolatra as vestes
da pele que brilha.
Afastado de Deus
descobre seu rico tear
de misérias.

O mago I

Desarmado inventa a fé
Para cegar o homem.
Deus se esquiva toda vez
Que decides descobrir.

A grã-sacerdotisa II

Ri porque sabe o mundo pecador.
Enquanto amola a faca
Perscruta uma confissão
Inaudível.

A Imperatriz III

Possessa ela decide
A cólera que irá amputar
A quem deseje amar.

O Imperador IV

Nunca se viu cobrir
A cabeça com uma mitra
Que não o ampara
Nem da chuva.

O Sumo Sacerdote V

Órfão suprime o inferno
Imaginando o céu como graça.
Desaba em choro
Quando descobre Cristo
Carregando a Cruz.

Dificuldade no começo (Chun)

Nascer sempre foi muito
para o homem. Rastejante
de si descobre o tempo
que o devorará.

A insensatez juvenil (Meng)

Galopa sua sandice de ventos.
Acredita que a beleza liberta.
E morre de treva!

A espera (Xü)

Quis ver Deus
Abismado se vestiu de ouro.
Precisa ficar cego
Diante de tanta luz!

O conflito (Sòng)

O fim não é o fim.
O homem desastroso
Diz: "atravessei a grande água."
O sábio: estou me afogando.

O exército (Shih)

Munido de ataque
Ele sempre perde.
Refém que é de
Toda sorte.

União (Bi)

Atado que está desaba
Em choro quando descobre
A morte, esta que rosna.

Força domadora do pequeno (Xiao chü)

Um pássaro rompe o tempo
Com as asas.
Deus precisou do homem
Para provar Deus.

III

A morte é o tempo de Machado
Na boca
"Matamos o tempo, o tempo
nos matará"
Rendidos todos os passantes
Gritam
O poeta de giz
Reúne uma chuva
Mas a terra é coração de pedra
E a água não tem voz
Sob o sol
Onde tudo é perda
O boi com a língua
Sobre o queixo
Ensaia um poema
Não há música no chão
De Poço Redondo
Sertão é como almas
Ardendo em luto e vesga.
Estanca ó Deus que dorme
A fome desta gente
Nordestino, o verso já não pode
ser lírico
A noite fechou a esperança
E tudo rompe-dragão
Boca-lume
Espátula
Morrendo
no céu da tua boca.



Nasceu em Maruim (SE), é graduado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe; mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas; doutor em Educação e Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Publicou *Dentro da casca* (1993), *A ossatura* (2002), *Inventário de ranhuras* (2006) e *Poemas passageiros* (2011), do qual foram retirados os textos presentes nesta página. É professor na rede pública de ensino em Aracaju e na Universidade Estadual de Alagoas. Atualmente produz e apresenta o programa "Mestres e Músicas", na Aperipê FM, voltado para educadores e artistas.

ILUMINAÇÃO

No céu a pedra do tempo
a qual não rói o vento
nem nossa sede de encanto

Fecha-se o ciclo da tarde
mais uma que passa e arde
no pátio sem cor da memória

E nos longes de um ser menino
molda-se o instante divino
por não ser inquilino da morte

E agora somente resta a noite
em que pastam aves e o açoite
da palavra contra a treva

Aracaju, 27.12.2003.

AQUARELA

Sob esses telhados
gestam-se feras.
Sobre esses telhados
o delírio do sol.

Fazei isto:
um poema
para celebrar
os frisos dessa memória.

Aracaju, 28.12.2003.

ORAÇÃO DOS MENINOS DO BRASIL (I)

Bala perdida
não ache meu pai.
Deixa ele vir pra casa
uma vez mais.

Aracaju, 9.4.2005.

O POETA

Os olhos do poeta
quando menino
presentem tudo envelhecido.
(Penso em Arthur Rimbaud.)

Os olhos do poeta
quando velho
perpassam tudo renascido.
(Penso em Manoel de Barros.)

Em nenhuma criatura
cabe melhor medida
sobre nossa passagem.

Tanta miséria
Tanta opulência.

Aracaju, 5.1.2005.

ORAÇÃO DOS MENINOS DO BRASIL (II)

Meu pai é policial
mas é um cara do bem.
Nunca fará nenhum mal
pra ter seu nome
na boca da moça bonita
do jornal nacional.

Cuida dele, Jesus!

Aracaju, 9.4.2005.

O TEMPO NERES (OU OS OLHOS DE TOM ZÉ NA LIVRARIA)

Na artilharia pesada de São Paulo
de vez em quando um passarinho.

Somente os desajustados percebem
a tábua tuba deste bico entre vãos.

Minha linguagem tem febre.

São Paulo, 13.3.2007.

O jornalista Paulo Costa

★ 1912 / † 1961

GILFRANCISCO

Homem de sólida cultura literária, científica, historiográfica e jurídica, seus escritos jornalísticos lhe deram uma posição de grande destaque dentro e fora de Sergipe. Modesto, arredo, esquentado, intolerante à desonestidade, homem verdadeiramente seguro dos seus princípios familiares, espírito contraditório, irreverente, amante de pendengas. Esta inquietude de ser humano astuto, sagaz, como se diz, “armado até os dentes”, para se defender, denunciar, desmoralizar os corruptos. Esta era sua marca registrada no jornalismo sergipano.



Paulo Costa com a filha Ana Virginia e o filho Luiz Eduardo Costa

Paulo Costa, por demais conhecido em todos os círculos sociais da sociedade aracajuana, era um jornalista desassombrado, advogado de mérito e tribuno dos mais arrojados, professor competente e político sem jaça (mancha), termo presente nos políticos da época. Fez de sua pena um arauto da causa da liberdade e da sua voz, sempre firme, um baluarte na defesa do direito e das leis. Como jornalista, nunca desserviu aos interesses coletivos, pelo contrário, sempre pronto a condenar os erros dos poderosos, como a pedir, a suplicar, a implorar pelos direitos dos pobres, dos humildes, dos infortunados – basta conferir suas colunas **O povo quer saber** e **Não está certo**.

Sergipe-Jornal

O vespertino *Sergipe-Jornal*, fundado pelo deputado federal de Sergipe, Carvalho Neto (1889-1954), membro do Partido Republicano Conservador, circulou pela primeira vez em 25 de julho de 1921, foi adquirido em julho de 1944 pelo Promotor Público e jornalista Paulo Costa o jornalista/advogado Mário Cabral. Após alguns dias sem circular, o *Sergipe-Jornal* (órgão independente e noticioso) está de volta às bancas com um novo formato, diagramação e logomarca.

O Estado Novo (1937-1945), período em que imperaram as ideias antiliberais e antidemocráticas, prisões, torturas, desrespeitos à

liberdade dos cidadãos, dificultando a marcha da redemocratização em Sergipe, mesmo submetido à censura, o *Sergipe-Jornal* mostrou as contradições da administração autoritária. Com a morte de Paulo Costa, em 1961, após dezessete anos no comando de um dos veículos de comunicação mais importantes do Estado, o filho Luiz Eduardo Costa, aos vinte anos de idade, passou a dirigi-lo, mas a família tinha medo de represália, temerosa resolvem vender a Empresa Sergipe Jornal Ltda; no início do ano de 1962, fecha a empresa e começa as negociações de compra e venda com Oviêdo Teixeira, empresário bem sucedido e sustentáculo do Partido Social Democrático – PSD, tendo como di-

retor do jornal seu filho, José Carlos Teixeira, deputado federal, passando mais uma vez o *Sergipe-Jornal* a ser dirigido por um grupo político.

Exoneração

A edição do dia 2 de agosto de 1945, do *Sergipe-Jornal*, trazia na primeira página o decreto que exonera o Promotor Público Paulo Costa:

“Sem comentários...

(para o arquivo dos colecionadores de arbitrariedades governamentais)

Decreto – de 30 de julho de 1945.

Exonera, por abandono de cargo, promotor público

O Interventor Federal no Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições e de acordo com o art. 80, § 2º, combinado com o art. 81 do Decreto-lei n. 270, de 30 de abril de 1940, em vigor quanto no Ministério Público, e atendendo ainda ao disposto do art. 90, § 1º, letra f, do Decreto-lei n. 29, de 28 de outubro de 1941, resolve exonerar o bacharel Paulo Costa do cargo de promotor público, padrão O, Tabela II, Parte Permanente do Quadro Único do Estado.

Palácio do Governo do Estado de Sergipe, Aracaju, 30 de julho de 1945, 57º da República”.

Prisão

A repressão ao jornalista e Promotor Público, Paulo Costa, pelos inimigos pessoais e políticos, capi-

“

Nem o cimento frio do cubículo 140, nem a falta de pão e de água naquela noite dantesca de 30 de agosto último quebraram o ânimo e a convicção de lutador que continuo sendo, a exprimir o pensamento de 500.000 habitantes, desejosos todos de um governo menos “liberal” e mais respeitador das leis vigentes



taneados pelo interventor Augusto Maynard Gomes, era em resposta ao brilhantismo que vinha realizando a campanha da União Democrática Nacional – UDN, e resolve prendê-lo a 30 de agosto de 1945, de forma brutal, injustamente e incommunicável, jogado num cubículo de nº140 da Penitenciária do Estado. Sua prisão ocorreu, precisamente, às 17 horas dia 30, em plena Rua João Pessoa, nesta capital, no momento em que passava em companhia dos médicos sergipanos Gerson Pinto e Clovis Conceição. Foi revistado pelo Chefe de investigação, Simeão Fernandes Sobral, o qual, não tendo encontrado em seu poder nenhuma arma, deu-lhe voz de prisão em nome do Interventor Federal no Estado, prisão testemunhada por inúmeros transeuntes que na via pública se encontravam. Em seguida, foi levado à Penitenciária. Em seu depoimento, Paulo Costa disse que “responsabiliza os senhores Interventor Federal e Chefe de Polícia por quaisquer males ou danos que advenham ao seu estado sanitário e ao seu patrimônio em consequência desta prisão e do tratamento pessoal com que lhe mimosearam na Penitenciária do Estado”.

Segundo o que noticiou a imprensa, o *Sergipe-Jornal* publicou um telegrama procedente do Rio de Janeiro, afirmando que o Interventor seria substituído, foi o bastante para prendê-lo. Não teve sequer consideração ao filho do seu advogado, Dr. Luiz José

da Costa Filho, que, em 1926, fez sua defesa, Nos autos (Vol. 5º) do processo-crime, da 2ª Revolta do 28 BC, efetuada aos 19 de janeiro de 1926. Seu crime, “sua culpa, imperdoável, fora combater os desmandos da ditadura no Estado e no país, pregando neste órgão e nos comícios públicos que então se realizavam, o credo da liberdade, lutando, de maneira erguida, pela redemocratização do Brasil”. Provavelmente, fazia parte de uma estratégia das autoridades militares, esperando que ele fosse assassinado por um dos presos que tivesse sido acusado pelo promotor Paulo Costa. Em seguida, foi transferido para o Quartel do Corpo de Bombeiros, onde ficou até ser solto, por decisão do Supremo Tribunal Federal de Segurança Nacional, graças a brilhante defesa do seu advogado, Luis Garcia, que conseguiu absorvê-lo.

Liberdade

Ao sair da prisão, em 30 de outubro, Paulo Costa publica no dia seguinte no *Sergipe-Jornal* o artigo Sessenta dias depois:

“Sessenta dias, apenas, e ei-los, vencidos, os forjadores de iníquos processos, os mentirosos, ledores assíduos de Maquiavel, que escreveram ditirambos ao Ditador, na caça inglória de polpudos empregos (...)”. Ironizando, o Interventor Augusto Maynard sobre sua prisão,

Paulo Costa publica no *Sergipe-Jornal* o artigo Obrigado, Coronel:

“Nem o cimento frio do cubículo 140, nem a falta de pão e de água naquela noite dantesca de 30 de agosto último quebraram o ânimo e a convicção de lutador que continuo sendo, a exprimir o pensamento de 500.000 habitantes, desejosos todos de um governo menos “liberal” e mais respeitador das leis vigentes (...)”.

Minhas Memórias

Entre os dias 10, 11 e 12 de setembro, Paulo Costa publica no *Sergipe-Jornal* Minhas Memórias do Cárcere:

“Uma noite inteira, num cubículo cheio de pulgas, ouvindo a dolente sanfona dos presidiários ao longe, como o criminoso mais perigoso da casa.

Lá encontrei caras conhecidas, homens a quem acusara no júri, para os quais pedira condenação, na defesa dos interesses sociais”.

Foram muitos os protestos contra a prisão de Paulo Costa. Inúmeras demonstrações de protestos de pessoas não partidárias, contra o ato da Interventoria Maynard Gomes se constituem. Em setembro, a imprensa registrava novos protestos contra sua prisão, não somente procedentes de Aracaju, mas de outros Estados da Federação, entre eles Bahia e Rio de Janeiro, os quais foram transcritos pelo *Sergipe-Jornal*. □



O jornalista Paulo Costa, sua esposa Ana de Almeida Costa e filha Marta Suzana

A FINÍSSIMA LÂMINA DO CONTO

RONALDSON SOUSA



Palestrante na feira internacional de livro em Frankfurt

Recém-chegado da Alemanha, por ocasião de sua participação na Feira do Livro de Frankfurt em outubro de 2013, ocasião em que foi um dos representantes do Brasil no concorrido evento, o escritor sergipano Antonio Carlos Viana, não para nunca. Já tem livro novo pronto, porém, isso não indica sinal verde para a publicação. “O difícil é terminar um livro. Porque não se trata de pegar os contos escritos e enfeixá-los num volume. É preciso haver unidade, uma atmosfera que os interligue, para que o leitor, ao final, tenha nas mãos um universo definido”, pondera o autor.

É com este perfeccionismo e determinação que Viana conquistou, gradativamente, o posto de mestre do conto contemporâneo, em edições cada vez mais obcecadas pela objetividade e rigor formal. É desta obsessão que resultam obras cada vez mais coesas e simples, “cabralinas” até, pela maneira precisa com que são concebidas.

Não foi sem méritos que seu livro mais recente, Cine Privê, conquistou Prêmio de Melhor Livro de Contos em 2009, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), por tabela, Viana entrou na cota dos autores premiados, uma das condições exigidas para representar a diversidade da literatura brasileira em Frankfurt. Do Nordeste, os eleitos foram o sergipano e o cearense Ronaldo Correia de Brito.

O esteticismo de Antonio Carlos Viana nunca é gratuito: vai do título ao desenrolar das estórias. Cine Privê traz um encadeamento de contos que mais se assemelham a pequenos curtas, recortes filmicos, a maioria com enfoque urbano, mas sempre a objetiva em personagens sofridos, marginalizados, “sem futuro”, nos quais a cruzeza do mundo pesa mais.

Contos que tematizam, quase sempre, o erotismo, a morte e a infância, ou mesmo a perda da inocência, vinda geralmente do sexo ou de alguma situação constrangedora e inusitada, resultando em sensações impactantes para quem lê, fruto de uma perícia ímpar em juntar o humor, o absurdo, o ridículo, o cruel que terminam por cobrir seu cético autor sob o manto do “engajamento” social, quando, na verdade, essa é apenas uma das boas impressões que sua primorosa literatura causa. Na verdade, é uma literatura comprometida unicamente com a forma estética.

EDUCAÇÃO E REDENÇÃO SOCIAL

Ao conversarmos com este inquestionável talento, afeito a estórias tão despudoradas, nos deparamos com um sujeito lacônico, quase monossilábico e tímido, personalidade contrária ao professor que viveu em sala de aula. Neste ofício, conseguia expor uma faceta mais falante, cética e muitas vezes bem humorada. O cidadão contido em gestos e palavras esconde muita erudição, conquistada por uma vida inteira de leitura, foco intelectual e magistério. Mas, também carrega irremediável desilusão com a educação do país. Seus personagens desvalidos são reflexos da falta de superação da precariedade educacional, pois para Viana: sem boa educação não há como superar o déficit social, a miséria crônica e o atraso de vida.

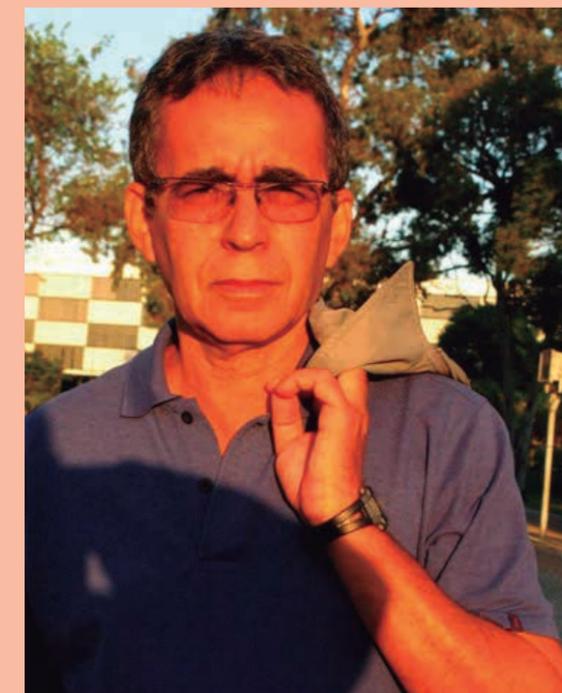
É desta realidade de pobreza e falta de perspectiva geral que seus personagens saltam como espectros dolentes, ganham vida

em registros de denúncia e crueldade, sem ser uma voz panfletária e gratuita. Muito desta visão (pessimista) vem da realidade observada pelo autor, ainda na infância. E o artista tem que ser, antes de tudo, um ser sensível e observador. Quem se habilita a captar a realidade e tentar recriá-la em ficção, com pouca ou muita apropriação do real, tem que ser perito em observar a vida cotidiana. Assim se faz um contista.

No caso de Antonio Carlos Viana, sua maestria advém de sua superação do impacto emocional

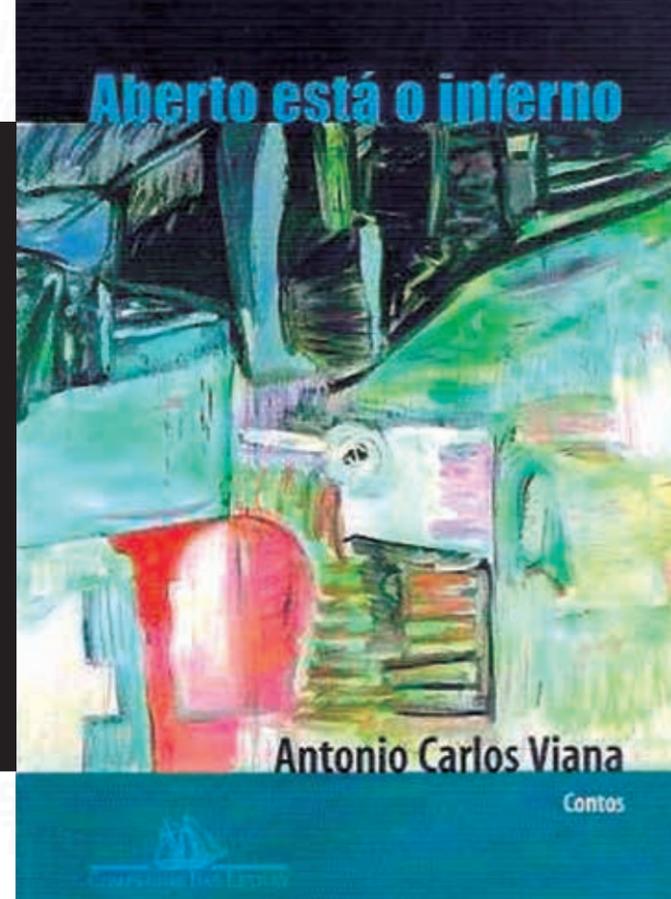


Foto: Antonio Carlos Viana



primeiro, da memória ou não, para mergulhar em um embate brutal com as palavras pela forma perfeita. Isso lhe rendeu o primoroso adjetivo, por Paulo Henriques Britto, de “João Cabral do conto”. Para quem busca a precisão, não há melhor elogio.

É dessa forma cabralina, com afiada lâmina para o excessivo e o redundante, que nascem suas obras. Elas talham a alma de tão corrosivas. O texto é seco, forte, impactante, sem deixar de ter ritmo, poesia ou simplicidade. É como um elástico tenso, esticado, feito estilingue para o alvo: o leitor. É este sim, quem deve se emocionar, espantar-se com o inusitado ou ficar tomado pela realidade da ficção. É como se esta inoculasse um veneno em quem lê, e depois da leitura, jamais será o



mesmo diante do que foi exposto pelo escritor. Conto bom é conto tenso, amarrado, como uma caixa maciça, sem nada de solto dentro, sem palavra alguma perdida, solta...

PRÊMIO NOBEL, FRANKFURT E PARANÁ

Antonio Carlos Viana vê com alegria o Prêmio Nobel de Literatura 2013 para uma contista, a canadense Alice Munro. Afeito ao gênero, crê que a fidelidade à arte do conto poderá ainda ter melhores perspectivas no mundo, maior interesse pelos editores. Sua participação na Feira de Frankfurt serviu para mostrar sua arte numa vitrine estelar, numa babel de lançamentos e diversidade de mercado.

Durante o evento, na Universidade de Goethe, juntamente com Marcelino Freire e Lourenço Mutarelli, foi sabatinado e traduzido com intérprete in loco. Além disso, já no palco da Feira, ao lado do escritor Bernardo Azjenberg, pôde brindar o público com a leitura de suas peças genuínas. Depois da Alemanha, Viana voltou para Curitiba



Antônio Carlos viana e os escritores Marcelino e Mutarelli

ba (PR), onde fixou residência há um ano e já interage com o meio cultural através de oficina de conto a partir de novembro.

Um escritor que, para felicidade dos leitores, não esmorece. Tradutor, professor aposentado, autor de *Brincar de Manja* (Cátedra, 1974), *Em pleno castigo* (Hucitec, 1981), *O meio do*

mundo (Libra&Libra,1993), *O meio do mundo e outros contos* (Companhia das Letras, 1999) e *Cine Privê* (Companhia das Letras, 2013). Além de dois bem projetados livros de redação.

São tantas histórias, tantos feitos que podemos imaginar: um diretor de cinema esperto, ao se deparar com a vida de Antonio Carlos

Viana, não pensaria duas vezes em levar para as telas, a extraordinária história de um garoto pobre, que, ao ousar ler um livro proibido pela professora, despertou em si a incurável paixão pelas letras que o tornaram uma das maiores expressões da literatura do seu país. □

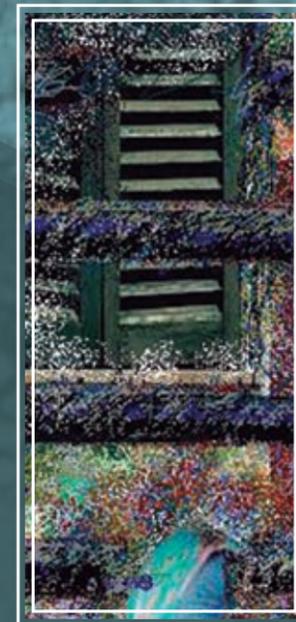
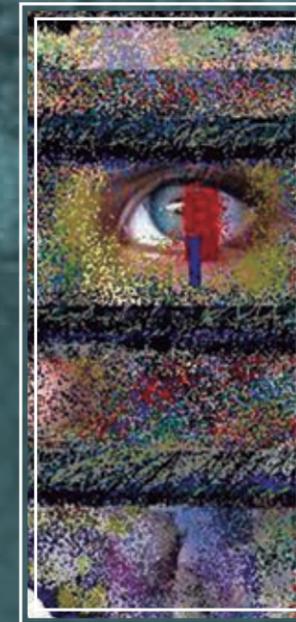


DIA DE PARIR CABRITO

Conto: Antonio Carlos Viana
Ilustrações: Ronaldson Sousa

Era um mistério. Dia de parir cabrito, éramos obrigados a ficar dentro de casa, uma casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de galinha e mijó de gato. As ninhadas de pinto eram criadas na cozinha. Acordávamos com aquele piar sem fim e um mar de merda sob os pés. Pior ainda eram os piolhos-de-galinha que corriam por nosso corpo, o que nos dava vontade de fugir dali para sempre. E ainda havia os porcos no chiqueiro ao lado, de onde vinha um cheiro forte de lama. Morávamos num sítio distante de tudo, e só mesmo quando minha mãe ia buscar a pensão de meu pai e levava um de nós, era que víamos como a cidade estava crescendo, enquanto, para nós, o mundo era só mau cheiro. A única coisa boa que havia eram os cabritos. Cada um tinha o seu, seu só no nome, porque, quando a necessidade apertava, o marchante vinha e os levava por qualquer ninharia. Foram eles nossa maior fonte de sofrimento na infância.

No dia em que alguma cabra ia parir, era aquele mistério todo. Minha tia solteirona também não podia ver, só minha mãe, que já conhecia a vida. Era assim que falavam. Era preciso conhecer a vida para ver cabrito nascer. Não entendíamos. O entra-e-sai começava cedo. Ouvíamos os balidos da cabra, que parecia uma pessoa chamando outra enquanto sofre. A gente já sabia que o dia ia ser de feijão encruado e muito suor no corpo. O sol queimava tudo, fosse qual fosse a época do ano. Mesmo no inverno, depois da chuva, brotava aquele solzão que nos fazia ter ainda mais medo do inferno. Se na superfície era assim, imagine nas profundezas.



O pior de tudo era que não nos deixavam abrir uma janela, a porta ficava trancada por fora pra nenhum de nós ter o destempero de sair correndo e ver aquilo que nossa imaginação fabricava como a coisa mais suja do mundo. Só sabíamos que saía muito sangue porque nossa avó, depois de fazer o parto, se esquecia de cobrir com terra uma parte da sanguieira que ficava no chão do cercado. Sua roupa também vinha toda salpicada de vermelho, as unhas cheias de sangue preto.

Minha irmã, a mais curiosa de nós, achava que os cabritinhos nasciam pelo cu, sempre tinha um fio sangrento correndo dali com uma gosma feia, ela dizia. Se nossa mãe ouvisse aquilo, ela ia apanhar de botar sal. Meu irmão mais novo achava que abriam a barriga da cabra, mas, quando a gente ia ver, a barriga estava normal, desinchada, sem nenhum sinal de corte. A manhã se estendia pegajenta e pesada sobre nós. Sufocávamos de calor e cheiros ruins. A janela do lado direito tinha uma brecha e, com muito esforço, a gente podia ver nossa avó com um pedaço de pau puxando umas coisas de dentro da cabra. Nossa irmã tinha razão, era mesmo pelo cu que os cabritos saíam, gritou meu irmão menor, todo satisfeito da descoberta. A verdade mesmo só veio muito tempo

depois, quando encontramos um livro que nos deixou ainda mais confusos. Um livro com uns desenhos do corpo do homem e da mulher, que estava num baú jogado na despensa. O desenho do parto nos deixou arrepiados, a criança com a cabeça saindo de dentro da mãe. Por baixo. Devia ser um desespero de dor. Aprendemos umas palavras que nem sabíamos que existiam. Um dia, na hora do almoço, meu irmão menor perguntou o que significava uma delas e a resposta foi um tabefe que tirou sangue de seu lábio. Vimos então que a coisa era mesmo muito feia. Havia muito estupor nos olhos de minha mãe quando ele fez a pergunta. Meu pai, àquela altura, já tinha morrido fazia um bom tempo, e acho que ele responderia do mesmo jeito. Foi depois da morte dele que fomos

morar ali, porque não tínhamos dinheiro para pagar aluguel nem de um casebre de quatro forquilhas. No começo, achamos bom, a escola era perto, a professora fedia a carne-seca escaldada, mas era melhor do que nada. Aprendíamos para ser alguma coisa na vida, era o que dizia minha mãe.

As cabras vieram como uma solução para termos o leite de cada dia. Era um leite gostoso que a gente punha sobre o cuscuz e se lambuzava de prazer. Um leite adocicado que nos fazia acordar saboreando o dia por vir. O que sobrava era colocado num vasilhame, e meu irmão mais velho ia vender em cima da carroça, única herança que nosso pai deixou. Ia vender no povoado perto da ponte e voltava sempre com uns trocados que já davam para juntar e comprar as roupas de fim de ano. O leite era nossa única fonte de vitamina, por isso crescíamos saudáveis. Minha mãe dizia que quem tomava leite de cabra nunca adoecia. E era mesmo. Doutor a gente só via quando tinha uma febre mais forte e as garapas não resolviam. Era geralmente no inverno, quando a friagem vinha pelo chão de barro e tomava conta de nosso corpo, dando uma tremedeira que nenhum cobertor salvava.

O dia de parir cabrito só aliviava quando minha avó voltava do cercado dizendo que já podíamos ir ver. As janelas se abriam, entrava uma lufada de ar quente e saíamos na maior disparada. Ficávamos felizes quando um era fêmea. Eram sempre muito lindos, fossem de uma cor só ou malhados. Ali mesmo minha mãe dizia de quem eram. Não gostávamos dos machos porque seriam vendidos logo, mal ganhavam corpo. As cabritas demoravam mais, por causa do leite. O pior era que a gente se apegava demais a eles. Parecia que quanto mais apego demonstrávamos, mais depressa eram vendidos.

Cabrito cresce entre um pulo e outro. Com pouco tempo, já estavam pinotando, se danando pelos matos. Só uma coisa nossa mãe, tia e avó não conseguiam fazer a gente deixar de ver: o bode cobrindo as cabras. Era uma coisa muito rápida: ele primeiro as cheirava no rabo, abria os beiços e as narinas, depois se empinava todo e se enfiava



va dentro delas sem dó nem piedade. A gente achava que aquilo devia doer, ainda mais com o peso dele em cima, mas elas não demonstravam nenhum desgosto, ficavam bem quietinhas, o olhar distante, como se nada estivesse acontecendo. Quando ele desmontava, elas iam pastar numa calma que não compreendíamos. Minha irmã sempre foi a mais esperta de nós e foi ela, mais uma vez, que disse que o cabrito saía por onde entrava. Não sabíamos ainda palavras feias, que só foram ensinadas tempos depois por um menino que veio tomar conta dos porcos.

Nossa aflição voltava uns seis meses depois que os cabritos nasciam. Quanto mais cresciam, mais chances de irem embora. Parecia que nossa mãe fazia de propósito. Quando via que estávamos muito apegados a eles, chamava um marchante, o seu Benício, que vendia carne na feira. Era ele apontar na estrada e já sentíamos o coração fisgar. Para nós, era um dia de infelicidade. Os cabritos pulavam, inocentes. Minha avó punha milho numa caneca e começava a sacudir para atrair os que estavam longe. Eles vinham correndo, as orelhas abanando, belos, sem nem desconfiar da traição que os aguardava. Começavam as negociações, cada um de nós torcendo para que, daquela vez, não fosse seu o escolhido. O homem avaliava o peso, dava o preço, ficava numa conversa mole, num regatear sem fim. Minha mãe se fazia de durona, se dissesse tanto era tanto,

mas, à medida que a conversa andava, parecia dominada por ele, a voz amolecia quando o via puxar um maço de dinheiro. Quando ela coçava a perna esquerda com o calcanhar direito, era sinal de que o negócio estava feito. Terminava aceitando o que ele desse, a precisão era muita, nós crescendo, as roupas encolhendo.

Depois que pagava, o homem laçava o cabrito, amarrava-o num pé de pau e ainda perguntava de quem era aquele. “Vai ser bem aqui”, ele dizia, mostrando o lugar onde iria enfiar a faca, com um riso na boca mole. Um frio nos percorria o corpo só de pensar no animal sofrendo, a derramar o sangue num caldeirão. Depois ele se ia pela estrada, arrastando o bicho sem nenhuma piedade, as patas traseiras fazendo força no barro seco. Mais adiante, já conformado, ia berrando, no seu trote miúdo. A cabra-mãe corria desesperada para cima e para baixo, só faltava romper a cerca. O berro ecoava dentro de nós pelo resto do dia. Fazíamos força para não chorar.

No sábado, éramos forçados a ir à feira para ajudar com as sacolas. Doía passar pela banca de seu Benício. Sempre tinha quatro ou cinco cabeças de cabrito em cima do balcão, os olhos ocos, ensanguentadas, que nos faziam desviar a vista. Ele ainda brincava, mostrando qual era o nosso. Fazia parte do acerto a gente passar por lá e pegar um bom pedaço da carne, que ele dependurava numa pindoba para ser mais fácil de carregar. Voltávamos pela estrada pingando sangue e gordura. Nossa mãe sorria. □





A saga de Marta Batista De moradora de rua a professora universitária

Álvaro Müller

Aos dois anos, Marta Batista foi encontrada na lama, ao lado da mãe morta. Aos 12, não conhecia a própria história. Hoje, é assistente social, psicóloga, mestranda em Educação e mãe adotiva.

Maltrapilha, com os pés ungidos pelo chorume dos mercados centrais de Aracaju, uma garotinha de pouco mais de dois anos brinca de corpo sujo e alma limpa. Seu semblante leve, alheio à insalubridade, dá provas de que não há sujeira no mundo capaz de encardir a alma de uma criança. Ao lado dela, sentada na calçada, uma mulher permanece imóvel, cabisbaixa, indiferente.

É a mãe, tem a obrigação de cuidar da menina, mas já não pode fazê-lo. Está morta. E a pequena diverte-se sozinha, sem saber.

Diante da cena, um jovem de 17 anos estende a mão à criança. Miguel José de Souza Filho pergunta se está com fome, oferece um picolé, depois, um abrigo. Um gesto de solidariedade que, ainda hoje, mais de três décadas depois, continua transformando



Marta reproduz gesto do pai e adota Marina. Fotos: Marcelo Freitas.

centenas de vidas. Graças a Miguel, Marta Batista de Souza, a ex-menina de rua, tornou-se professora universitária e faz da sua história um estímulo para muitos jovens que buscam um futuro profissional digno.

Marta leciona na Universidade Tiradentes, em Sergipe. Graduada em Serviço Social e Psicologia, tem duas especializações e está a um passo de concluir o mestrado em Educação. “Meu trabalho já foi qualificado. Assim que conseguir a titulação de mestre, partirei para o doutorado”, prevê, com um sorriso confiante de quem sempre teve tudo para desistir, mas optou por seguir em frente e vencer.

Quando encontrada por Miguel, na região dos mercados de Aracaju, a pequena Marta tinha a vida por um fio. Perambulava na lama somente de calcinha, apresentava escaras nas nádegas por conta das fezes e urina acumuladas ao longo de sabe-se lá quanto tempo. Outra criança, em iguais condições subumanas, foi levada por uma terceira pessoa. “Não pude conhecer o meu irmão ou irmã. Não sei de onde vim. Tenho apenas lembranças vagas. Em alguns lampejos, recordo que achava engraçado quando colocavam moedas na minha mão, e nada mais”, relata a ex-moradora de rua.

Um ano após salvar Marta Batista da indigência, Miguel foi

convocado para servir ao Exército. A mãe do jovem, que já cuidava de nove filhos, entregou a menina a uma vizinha. Pouco depois, essa vizinha ficou viúva, mudou-se para o Rio de Janeiro e deixou Marta em um orfanato do Bairro São José, zona sul da capital sergipana.

“Tenho apenas uma lembrança triste do orfanato: a dos dias de visita. Eu era a única criança que não tinha nenhum parente para me visitar e pulava no colo de outras mães, na tentativa de ganhar um carinho também. Na adolescência, essa situação me criou um pouco de revolta, passei a acreditar que havia algum problema sério comigo, que eu era



Miguel e Marta retornam ao lugar onde ele a encontrou. Fotos: Marcelo Freitas.

de proveta. Por outro lado, foi lá que aprendi a dividir tudo. Se tínhamos dez balas, dávamos um jeito de repartir entre os 25 internos. Se tínhamos uma bala só, ninguém ganhava. Ou era para todos, ou para ninguém”, lembra Marta.

OS ESTUDOS

No orfanato, Marta Batista concluiu o ensino fundamental e viveu até alcançar a independência financeira. Fez um curso técnico de Enfermagem e, com o salário do primeiro emprego, investiu na graduação em Serviço Social, primeiro título da carreira acadêmica. “Decidi estudar quando estava

ficando mocinha, pois sabia que era sozinha no mundo e precisava me virar, correr atrás”, justifica.

Durante o curso de Serviço Social, estagiava de manhã, estudava à tarde e, no turno seguinte, dava plantões como técnica de Enfermagem “Muitas vezes não dormia. Nos períodos de provas, usava meu intervalo de descanso à noite, me trancava no banheiro da clínica, estendia um pano no vaso sanitário, sentava e estudava ali dentro, pois não tinha outro horário disponível. Isso durou quatro anos”, lembra Marta Batista.

Tanto sacrifício fez dela uma exceção no Brasil. Segundo o Censo 2010, mais recente divulgado pelo

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, 49,3% da população acima dos 25 anos não conclui sequer o ensino fundamental. Na região Nordeste, esse índice chega a 59%. Do Norte ao Sul do país, somente 11,3% dos adultos conseguem terminar a faculdade.

A análise dos dados sobre os brasileiros acima dos 25 anos – idade mais do que suficiente para a conclusão de um curso superior – mostra ainda que 71,6% dos homens e mulheres, sem o mínimo de instrução, sobrevivem com rendimento mensal domiciliar *per capita* de até um salário mínimo. Somente 10,7% dos que vivem nessa condição econômica obtêm o diploma de graduação.

Segundo a socióloga Maria Luisa Scardini, grande parte da população tem que destinar o dinheiro que recebe pelo trabalho para as necessidades mais prementes. “Afim, no Brasil, infelizmente, a educação ainda não faz parte da cesta básica. Por outro lado, é preciso lembrar que o legado econômico-financeiro, através da renda familiar e da posição de classe por ela determinada, em geral, se traduz num capital cultural diretamente relacionado ao desempenho e sucesso dos indivíduos. Nas classes subalternas, essa bagagem individual nem sempre inclui atribuição de valor à educação escolarizada. Em meio a necessidades prioritárias de sobrevivência e à falta de um capital cultural que possa promover o sucesso escolar e, depois, profissional, é inegável que os índices de evasão e abandono escolar permanecem como gargalo para a conclusão dos estudos, seja em nível fundamental, médio ou superior”, analisa.

O SONHO DE LOURENÇO

Ex-colega de Marta Batista no orfanato, José Lourenço Bispo da Cruz é um desses milhares de brasileiros que, inevitavelmente, se veem na esquina do sonho profissional. De um lado, a universidade e, do outro, as dificuldades familiares. No horizonte, a estrada da sobrevivência é o único caminho.

Acometida por sérios problemas de saúde e numa rotina de internações hospitalares, a mãe de Lourenço precisou entregá-lo à casa de acolhimento quando ele tinha seis anos. Na orfanato, o garoto ficou conhecido pela asma crônica, que o atormentava em noites de sofrimento duradouro e, principalmente, pela capacidade intelectual. Lourenço descobriu, no Bairro São José, o gosto pelos estudos, em especial pela Matemática. “Era o melhor aluno da turma”, garante a professora Marta.

Lourenço permaneceu no internato até os 16 anos. Saiu empregado como *office-boy* do Banco do Estado de Sergipe e fez da engenharia civil uma aspiração. Mas, aos 19, precisou adiar o sonho pela primeira vez. Com a morte da mãe, virou arrimo para os seis irmãos.

“O mais novo tinha 12 anos e todos começaram a vender amendoim e fazer outras coisas para me ajudar. A gente juntava todo o dinheiro arrecadado e pagava as contas. Para nossa sorte, contamos com amigos que nos emprestaram uma casa, onde moramos durante quase uma década”, explica Lourenço.

De *office-boy* ele chegou à gerência da Associação Atlética do Banese e, dez anos mais tarde, passou a trabalhar em uma empresa de transportes. Quando se estruturava para tentar o vestibular em Engenharia, sofreu um acidente de trânsito, teve três paradas cardíacas, fraturou vértebras. Desamparado, precisou lutar na justiça para receber o que lhe era de direito. “A indenização durou nove anos. Era uma mixaria, porque eu permaneci com problemas na coluna”, reclama Lourenço, que, atualmente, recebe auxílio-doença do INSS.

A esposa dele arrendou uma pequena lanchonete na praça do Bairro Santa Lúcia, em Aracaju, para ajudar no sustento da família, hoje com oito pessoas. Entre os cinco filhos, dois foram adotados. Davi, 4, e Ives, 7, são sobrinhos biológicos que Lourenço fez questão de retirar do abrigo. Há sete meses, a chegada de um neto aumentou as responsabilidades do casal. “Cauê nasceu com a saúde frágil, mas hoje está uma bênção”, comemora o avô.

No esforço cotidiano para criar e educar a prole, Lourenço continua renunciando o sonho de cursar Engenharia Civil, mas, aos 46 anos, não perde a esperança. “Eu sei que nunca é tarde e, por isso, não me apresso. Deus sabe o momento certo. Cada vez que me planejo para tentar a faculdade, Ele me diz que ainda não está na hora”.

FREIO NO IDH

As dificuldades de acesso dos brasileiros à educação representam um entrave ao crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano no país. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas, o Brasil detém hoje o 85º maior IDH do planeta, posição deveras incômoda se comparada a de países como São Vicente e Granadinas, Bósnia-Herzegovina, Azerbaijão e Omã.

Ao destrinchar o IDH por municípios, a ONU mostra que o Brasil até avançou muito nas últimas duas décadas. Em uma escala de 0 a 1, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM – saltou de 0,493

em 1991, para 0,727 em 2010. Mas poderia ter saltado ainda mais se não fosse o marcador da educação, que, isoladamente, é de 0,637, mais baixo do que os indicadores de expectativa de vida (0,739) e de renda (0,816). Dividido nessas três esferas, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal pode ser classificado como muito baixo, baixo, médio, alto ou muito alto. No Brasil, o IDHM da Educação é o único classificado como médio. A longevidade e a renda receberam, respectivamente, as qualificações alta e muito alta.

Os números demonstram que o Governo Federal investe bem mais hoje na educação do que na época em que Marta

Batista era estudante universitária. Programas de inclusão e de financiamento são incentivos que a ex-moradora de rua não teve. Mas Maria Luisa Scardini adverte que o cenário ainda está longe do ideal.

“Políticas de inclusão precisam (re)produzir uma cultura de valorização da educação, que nem sempre existe no seio das famílias brasileiras. Além do que, numa sociedade consumista como a nossa, parece que a educação é muito mais uma mercadoria de consumo fácil e imediato, quando deveria ser vista como investimento, quase sempre árduo e trabalhoso. A história da professora Marta atesta isso”, pondera a socióloga.



Carteira da Febem: registro da infância e adolescência de Marta. Foto: Marcelo Freitas.



Segundo o Censo 2010, mais recente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, 49,3% da população acima dos 25 anos não conclui sequer o ensino fundamental. Na região Nordeste, esse índice chega a 59%. Do Norte ao Sul do país, somente 11,3% dos adultos conseguem terminar a faculdade.



MARTA – FILHA E MÃE: A ADOÇÃO NO ÂMAGO DA BIOGRAFIA

A história da ex-moradora de rua que virou professora universitária tem na adoção a sua principal essência. Marta reencontrou o pai e, hoje, é filha e mãe adotiva. Após servir ao Exército, Miguel conviveu cerca de uma década com a certeza de que Marta morava no Rio de Janeiro. Quando foi informado de que a menina estava em Aracaju, peregrinou até achá-la, com 12 anos, ainda no orfanato.

O reencontro foi traumático. “Conversamos separados por uma grade, pois não era permitida a entrada de estranhos.

Quando me deparei com aquele homem barbudo, não o reconheci. Ele começou a contar que me pegou no mercado e eu fiquei muito assustada. A conversa, rápida, acabou interrompida por uma funcionária do orfanato, que me puxou para dentro. Ela também ficou amedrontada. O Miguel ainda teve tempo de dizer ‘se você está bem, vou embora’, e saiu cabisbaixo, triste. Deve ter sido muito decepcionante para ele”, descreve Marta.

Daí em diante, foram mais 20 anos até uma nova reaproximação. Marta já era graduada e cursava pós-graduação, quando criou coragem para escarafunchar a própria história. “No pri-

meiro dia de aula da especialização, eu me apresentei como filha de chocadeira e a professora me desafiou a fazer uma pesquisa sobre minha vida. Perguntei por onde começar e acho que, de início, ela não acreditou muito. Mas eu fiz”, diz, orgulhosa. Para reencontrar o homem que a salvou das ruas, Marta recorreu à única pessoa capaz de ajudá-la. “Era a mãe do Miguel, a mulher que me deu quando ele partiu para o Exército. Ela não se lembrou bem de mim, mas me passou os contatos do meu pai”, relata.

A primeira conversa mais demorada entre Marta e Miguel deu-se por telefone. “Ele contava detalhes de como me encontrou e eu não



Ex-colega de orfanato de Marta, Lourenço abdica da Engenharia para cuidar da família. Foto: Marcelo Freitas.

“

Sempre quis adotar, pois sei muito bem o que é ser uma criança institucionalizada. Você tem a comida, a vestimenta, mas te falta algo maior, que é o afeto. Não que eu tenha sido maltratada, mas nunca é a mesma coisa.



consequia falar. Chorava e tentava segurar os soluços para escutar mais sobre mim. No final, pediu para me encontrar e eu neguei. Precisava internalizar tudo aquilo, mas estava difícil”, diz a professora. Dois dias depois, Marta bateu à porta da casa de Miguel, na Rua Laranjeiras, Centro de Aracaju.

“Quando cheguei, vi a emoção no rosto dele. Dizia à esposa: ‘Olha, Maria, eu não disse que essa menina existia?’. Me chamava de menina o tempo todo e eu me sentia uma criança. Foi lindo, um encontro real de pai e filha que há muito tempo não se viam”, comenta Marta.

“Lembro que um dia ela me perguntou, toda sem jeito, como deveria me chamar. Eu respondi que poderia ser de pai, caso se sentisse à vontade. Ela chorou muito e, a partir de então, passou a me tratar dessa forma. No Dia das Crianças, eu a presenteei com o registro de

paternidade. Para mim foi uma felicidade imensa, pois sempre a tive como filha. Mesmo quando acreditava que estava longe, jamais a esqueci. Hoje sinto muito orgulho em ver a profissional e a pessoa em que ela se tornou”, diz Miguel.

Aos 60 anos, o homem que tirou uma criança das ruas e assumiu a sua paternidade aos 17 é um comerciante aposentado e avô adotivo. Marta repetiu o gesto do pai e adotou Marina, de um ano e um mês. “Sempre quis adotar, pois sei muito bem o que é ser uma criança institucionalizada. Você tem a comida, a vestimenta, mas te falta algo maior, que é o afeto. Não que eu tenha sido maltratada, mas nunca é a mesma coisa. Os cuidadores são funcionários ou voluntários que, no final da tarde, retornam para casa, para a família”, esclarece a professora.

Foram três anos na fila da adoção. No dia em que recebeu

a filha, Marta fez questão de deixar uma carta de agradecimento aos funcionários do abrigo onde Marina ficou até ser adotada. “Por um período da minha vida, como tantos, precisei dos cuidados carinhosos de todos vocês. E esse carinho de alguma forma fica conosco. Porém, chega uma hora em que precisamos ir ao encontro dos nossos pais. Para minha felicidade, chegou a minha vez”, dizia a mensagem, escrita em nome da criança, mas que se encaixa perfeitamente na história de Marta Batista.

Ao ouvir a última pergunta de uma longa entrevista – “o que Marina merece ter que você não teve?” –, a ex-moradora de rua hesita pela primeira vez, respira fundo e responde: “Liberdade. Para viver, para se expressar. A liberdade de trilhar o próprio caminho sem preconceito ou medo, por saber que não está só”. □



Fachadas frontal e lateral

Museu da Gente *SERGIPANA*: *uma visita ao premiado museu mais interativo do Nordeste*

Tito Garcez

Hoje, ainda persiste um pensamento um tanto quanto generalizador de que museus são, normalmente, depósitos de objetos antigos, com plaquinhas informativas sobre o significado e a história do que é mostrado... Mas, pouco a pouco, essa visão tem mudado.

No Brasil, há alguns anos, começou a se espalhar o novo (ao menos para os nossos padrões) conceito de museu interativo. Contudo, quando se pensa em grandes museus com algum tipo de interatividade, são lembrados principalmente museus localizados na região Sudeste do Brasil, sobretudo no estado de São Paulo. É nele que está um dos museus interativos mais conhecidos do país: o Museu da Língua Portuguesa, que, inaugurado em 2006, se consolidou como um dos mais visitados do Brasil, recebendo milhões de visitantes. Na mesma região, mais especificamente em Minas Gerais, a zona da praça da Liberdade, em Belo Horizonte, tem se consolidado

como o maior circuito museológico do país, sendo grande parte dos museus e memoriais quase completamente interativos.

Enfim, essa tendência de ter museus interativos não está presente só no Sudeste. Muitos desconhecem, mas, no Nordeste, foi inaugurado há poucos anos, aquele que tem figurado como um dos mais premiados museus brasileiros: o Museu da Gente Sergipana. Localizado em Aracaju, capital do estado de Sergipe, ele tem o título de primeiro (e, por enquanto, único) museu interativo da região. Em menos de três anos de funcionamento, já recebeu diversos prêmios pela arquitetura, restauração e interatividade. Em 2012, foi o projeto vencedor do prêmio “O melhor da arquitetura 2012”, na categoria Restauro. Esse prêmio é promovido pela Editora Abril, através da Revista Arquitetura e Construção. Já em 2013, ele está sendo considerado a “Atração do Ano” pelo Guia Brasil 2013 e figura na seleta listagem dos 29

melhores museus do Brasil, classificação feita pelo Guia Quatro Rodas.

O museu está localizado no prédio do antigo colégio Atheneu Dom Pedro II, popularmente chamado de “Atheneuzinho”, uma construção que data de 1926 e que passou por um cuidadoso trabalho de restauração, trabalho esse realizado pelo Governo do Estado de Sergipe, através do Banese (Banco do Estado de Sergipe) e é mantido pelo Instituto Banese. As obras foram iniciadas em 2008 e a inauguração ocorreu no final de 2011.

Bom, já falei sobre a história, sobre a importância e sobre os prêmios, então chega a hora de saber o que tanto chama a atenção de quem visita o museu, e que é praticamente uma unanimidade: o conhecimento da cultura popular sergipana. O melhor é que, como todo museu interativo que se preze, o visitante tem a oportunidade de conhecê-la através de telas, fones, jogos, sons, entre tantas outras coisas.

E afinal, o que poderá ser visto?!

O museu da Gente Sergipana é composto de *foyer*, átrio, auditório, loja de lembranças (loja da Gente), salas de exposições temporárias e diversos espaços destinados a exposições permanentes. O visitante tem a oportunidade de fazer uma visita guiada ou pode optar pela visita espontânea, fazendo o seu próprio tempo ou roteiro.

Optando pela visita guiada, costumam ser visitados, em ordem: o auditório, os espaços Nossas Feiras, Nossos Falares, Nossos Leitos, Nossas Roças, MEDIATECA, Nossas Praças, Nossas Histórias, Nossos Cabras, Nossos Marcos, Nossas Festas, Nossas Coisinhas, Nossos Trajes, e, por fim, os “estúdios” de Cordel e Repente. É possível, também, que, ao final (ou antes, se preferir) da visita guiada, o visitante conheça as salas de exposições temporárias. Abaixo, explico melhor cada um dos espaços:

Após passar pela recepção, que fica na área externa do museu, local onde o visitante necessita fazer um cadastro, e ao dirigir-se ao *foyer*, há um direcionamento para que ingresse no confortável auditório, para que se possa assistir a um belo vídeo introdutório à cultura sergipana. Nele, além de ver belas imagens de atrativos históricos ou naturais, bem como de manifestações folclóricas e festividades religiosas que acontecem no estado, temos a oportunidade de observar um pouco dos costumes locais.

Tudo isso regado a muito colorido, alegria e a uma sonoridade capaz de arrepiar.

Expressões presentes no espaço Nossos Falares



Auditório

Nossas Feiras

Esse espaço é o primeiro a ser visitado no segundo piso. Ele representa uma feira livre fictícia do interior do estado, onde o visitante tem a oportunidade de interagir com um feirante virtual, o Josevende, que oferece seus produtos e aproveita para conversar. Através de um microfone, o visitante é convidado a sair do papel de ouvinte, para ser também um interlocutor, interagindo com o “José” e conhecendo muitas expressões utilizadas no estado.

Nossos Falares

Após sair da feira fictícia, nas paredes do corredor externo que dá acesso a outras salas, o visitante se depara com inúmeras palavras e expressões tipicamente sergipanas. Algumas, por serem mais antigas ou por só serem utilizadas em determinadas comunidades, chegam a surpreender até a moradores do estado. Algumas das expressões que podem ser conhecidas são “a pusso” e “ximar”, que significam respectivamente, forçado (ex.: Ele comeu a “pusso”) e pedir insistentemente (ex.: O cachorro está ximando a comida). A partir desse espaço, é possível ver, no centro do átrio, um mapa que representa todas as regiões do estado e, acima dele, existe um enorme “jereré”, rede utilizada para a pesca de crustáceos. Nela, “foram pescados” diversos elementos da cultura sergipana. Vale a pena observá-los!



Livretos da Literatura de Cordel

Nossos leitos

Esse é um dos espaços que mais chamam a atenção dos visitantes, sobretudo das crianças. Logo na entrada, existe um painel que conta um pouco sobre a fauna existente no estado. Após uma breve explicação, explanação essa que é acompanhada do som característico de algumas aves, o qual vem da principal área desse espaço, o visitante é convidado a entrar em um túnel, a sentar em um pequeno barquinho, e a “navegar”, vagarosamente, nas imagens de ambientes naturais sergipanos que são mostradas por quase 180°. Os barquinhos comportam até 4 pessoas, as quais têm a oportunidade de passar alguns minutos apreciando a vegetação e os animais existentes em diferentes pontos do estado de Sergipe.

Nossos pratos

Ao final do passeio de barco, chega o momento de falar de comida. Em uma mesa existente no meio da sala, o visitante tem a oportunidade de, com as mãos, simular que está levando ingredientes para o

centro da mesa, com o intuito de tentar descobrir como preparar pratos típicos sergipanos. Quando todos os ingredientes são descobertos, aparece uma breve explicação sobre determinado prato.

Nossas Roças

Ainda na mesma sala, existe outro joguinho, dessa vez, simulando o cultivo de itens básicos para a alimentação, bem como a criação de animais que produzam insumos para o consumo humano. Esse é outro atrativo que costuma fazer a alegria das crianças.

Midioteca

A MEDIATECA está estrategicamente posicionada quase no meio das salas abertas à visita, fazendo com que seja também um ambiente para descanso. No centro desse espaço, uma enorme mesa repleta de fones de ouvido e telas sensíveis ao toque, possibilita que a pessoa conheça um pouco mais das manifestações folclóricas, das festas populares e dos marcos arquitetônicos.



Espaço Nossos Marcos



Joguinho em tela sensível ao toque no espaço Nossas Praças



Telas disponíveis para uso dos visitantes na Midiateca



Escadaria do Museu da Gente Sergipana

Também dessa sala, é possível apreciar, mesmo que por trás dos vidros das portas, a bela vista para o rio Sergipe e para a Barra dos Coqueiros, localizada na outra margem.

Nossas Praças

Esse espaço costuma trazer um sentimento de saudosismo aos mais velhos, e de curiosidade, expectativa e, por fim, uma pitada de decepção nas crianças. Explico: no centro dessa sala existe um simpático carrossel, ou a simulação do que seria um. Quando você entra e ele está parado, a visão é de um carrossel cercado por uma praça que é vista na parede. No momento em que ele

é manualmente girado, uma simpática música ecoa pela sala, e a imagem começa a girar seguindo a rotação do “brinquedo”. A partir disso, tudo fica mais animado, e o visitante tem a possibilidade de passear por algumas das principais praças do estado, como a de São Francisco, em São Cristóvão, a da Matriz, em Laranjeiras, e a Fausto Cardoso, em Aracaju.

Agora tenho que explicar o porquê da possível decepção que crianças podem sentir: apesar de possuir cavallinhos de madeira e de girar, não se pode subir. Sendo assim, os pequeninos têm que se contentar em olhar, ouvir e, no máximo, em tocar — o que já é muito bom!



Carrossel do espaço Nossas Praças



Barquinho no túnel do Nossos Leitos



Visitantes conhecem o túnel do Nossos Leitos

Nossas Histórias

Esse espaço é praticamente um labirinto de espelhos. Ao andar pelo ambiente, inesperadamente, a iluminação dos espaços expositivos é acesa e a pessoa tem a oportunidade de ver itens do artesanato local, bem como indumentárias típicas, entre outras coisas. Além de ver, é possível ouvir gravações com explicações a respeito do que é mostrado.

Nossos cabras

Em três telas, são mostradas personalidades sergipanas (ou que tenham alguma relação com o estado). Com o uso de fones de ouvido, é possível conhecer, por exemplo, um pouco mais da história do artista plástico Arthur Bispo do Rosário, do filósofo, poeta e jurista Tobias Barreto, e também do cangaceiro Lampião, que, apesar de não ser sergipano, rondou o território do estado por muitos anos e, inclusive, foi morto em terras sergipanas.

Nossos Marcos

Em uma espécie de mesa, o visitante tem a oportunidade de girar um pião, e o local onde ele definirá qual marco arquitetônico do estado será mostrado. É possível visualizar algumas das mais importantes igrejas, bem como alguns palácios.

Nossas Festas

Esse espaço é um dos mais divertidos. O visitante mais velho tem a oportunidade de reviver a infância, com uma brincadeira que já foi muito popular: a amarelinha. É possível lançar um cubo no desenho e, escolhida a manifestação ou festa popular que deverá ser conhecida, e também ao jogar direitinho e concluir o desafio, a amarelinha dá lugar a um vídeo animado e a um som contagiante.

Nossas Coisinhas

A princípio, a pessoa acha que é uma enorme parede cheia de cubos repletos de pequenos objetos. Mas, ao se aproximar, é possível notar que tudo aquilo é, na verdade, um enorme jogo de memória. Nos recipientes do jogo são mostrados os mais diferentes objetos representativos da cultura local.

Nossos Trajes

Já no finalzinho da visita ao segundo piso, um enorme espelho é percebido. Aparentemente, ele seria só um espelho qualquer mas, quando alguém se posiciona em determinado ponto, é possível visualizar a pessoa supostamente vestida em trajes nada convencionais. Esses trajes são, na verdade, vestimentas utilizadas por “brincantes” das mais variadas manifestações folclóricas do estado.

“Estúdios” de Cordel e Repente

Em frente ao espelho do espaço “Nossos Trajes”, estão localizados dois espaços que, pela semelhança, chamarei de estúdios. No primeiro, decorado por dezenas de coloridos livretinhos de Cordel, o visitante tem a oportunidade de, em frente a uma tela e a um microfone, “declamar” o que aparecerá para ser lido. Ao final, é possível assistir a um vídeo de como foi a declamação e, se a pessoa desejar, é possível que a gravação vá direto para o canal do museu no Youtube. Quem não desejar se ver no Youtube, é só recusar o envio, sem maiores complicações.

O outro estúdio é dedicado ao Repente. O visitante tem a oportunidade de escutar parte de um Repente, falado por alguns dos mais tradicionais repentistas do estado e, no momento certo, continuar e fazer a sua improvisação. Esse espaço tem basicamente a mesma funcionalidade do outro, ou seja, tudo será gravado e fica a critério da pessoa publicar ou não na internet.



Café da Gente e Instituto Banese

Em um prédio construído anexo ao do museu, funciona a sede do Instituto Banese e, também, o Café da Gente, que é o ambiente gastronômico mais próximo para aqueles que necessitam almoçar ou apenas fazer um lanche. O espaço é, de fato, bem aconchegante. O café funciona em horário independente do museu, normalmente das 10h às 20h.

O Museu da Gente Sergipana funciona, sempre gratuitamente, de terça à sexta-feira das 10h às 17h, e aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 16h. Excepcionalmente em determinadas datas, sejam elas comemorativas ou em razão de apresentações de grupos folclóricos, orquestras e bandas, que fazem parte das ações educativas do museu, é possível que, fora do horário de visitação, haja acesso a espaços como o auditório, o foyer e o átrio. □

Maquete do prédio que abriga o Museu da Gente Sergipana

O Museu da Gente Sergipana é um projeto de Instituto Banese e é mantido pelo Banese, Banese Card e Banese Corretora de Seguros.

SUBLIME ZONS!

Texto: Victor Balde
Fotos: Saulo Coelho

Um novo caminho se abriu, à medida que um ciclo se fechou. Não estamos mais os mesmos depois que fizemos das nossas vontades a potência para criar a partir dos encontros. Foi um ano de trabalho, que envolveu a produção do DVD ZONS, o ZONS DE BOLSO, o FU.ZONS e o FESTIVAL ZONS.



SOM • IMAGEM • MOVIMENTO



Público



Live Painting



Curso de Culinária Vegetariana



Ato Libertário



A Banda dos Corações Partidos



Fernanda Rocha - Pole Dance



Plástico Lunar



Exposição José Fernandes



Ato Libertário e Alex Santanna

Conseguimos ter um registro histórico de um momento singular da música produzida em Sergipe, em um formato que primou pela qualidade técnica e artística, experimentando modelos diferentes de gestão, aproximando as pessoas e as tornando ativas no processo de execução através do financiamento colaborativo, sendo o primeiro projeto no estado a atingir a meta na ferramenta CATARSE.

Tudo pensado com foco nos detalhes, e muita atenção, carinho e disponibilidade geral, indo do som à imagem, da alimentação às redes, do movimento ao descanso. Além dos palestrantes e oficinairos, esses instigadores que compartilharam um pouco do imenso conhecimento em suas áreas com os participantes, os artistas plásticos inspiradíssimos, dançarinos em grupo e solo voadores, músicos em completa imersão e equipe técnica sensível e afiada. Isso tudo reunido como meio para integrar pessoas e expressões artísticas, modos de ver a vida e criá-la, jeitos nossos de estarmos juntos e fazer da maneira co-

mo acreditamos que as coisas podem ser feitas. Assim, o FESTIVAL ZONS aconteceu de forma intensa e tranquila, com as atividades sendo desenvolvidas, tendo a interação como força motriz e fazendo os nossos olhos brilharem em vários momentos, por sentir que estavam fluindo as intenções dentro de um clima agradável e receptivo instalado nos ambientes.

Por isso, nossa absurda e ultra imensa gratidão às maravilhosas pessoas que entenderam o projeto e fizeram dele um momento sublime na vida de todos os envolvidos.

Tudo isso graças à união saudável e completa entrega da equipe de produção, no entendimento de cada apoiador e empresa implicada em fazer a diferença, investindo em arte como meio de mudança de formas de estar no mundo, e a muitos, muitos, muitos que dedicaram um dia para fazer esse sonho se concretizar e outros...

Quem venham muitos mais sublimes ZONS - A arte que nos move! 

*O verdadeiro Natal construímos
com cultura, informação e tecnologia*



Serviços Gráficos de Sergipe
Segrase

EDISE

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/Sergipe
(79) 3205-7400
www.segrase-se.gov.br | segrase@segrase-se.gov.br

